

Illustração



LEIAM O FORMIDAVEL
EXITO LITERÁRIO

TRABALHOS FORÇADOS

DO GRANDE PANFLETÁRIO

JOÃO CHAGAS

O MAIS EMPOLGANTE
DE TODOS OS VOLU-
MES DE MEMÓRIAS

A REVOLUÇÃO DE 31
DE JANEIRO VISTA
POR ALGUÉM QUE
TOMOU PARTE NELA

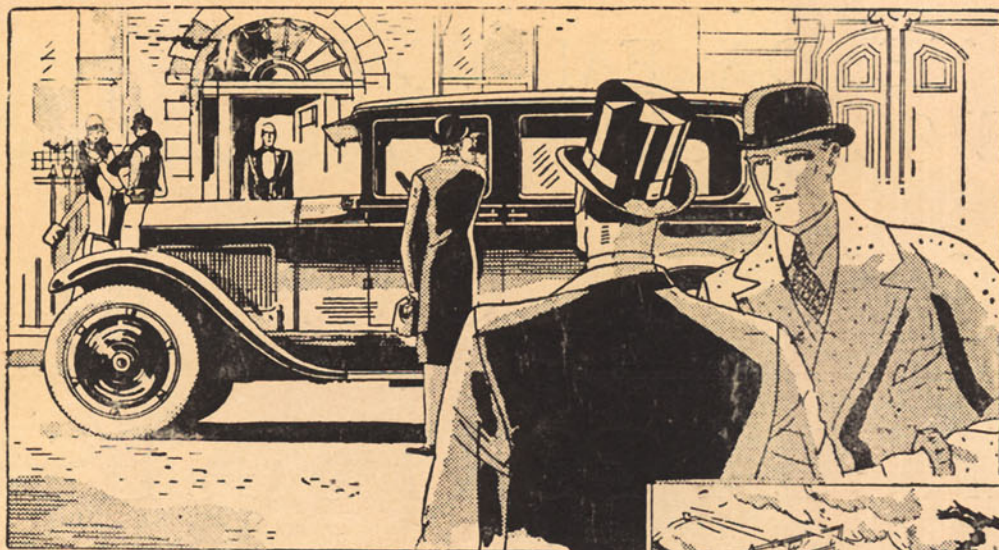
EDIÇÃO DEFINITIVA EM 3 VOLUMES

Cada volume brochado

10\$00

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

Rua Garrett. 73 e 75 — LISBOA



O Buick é o carro preferido pelas grandes figuras do alto comércio

Muitos anos de perfeito funcionamento

Deram ao Buick um lugar de primacial destaque

SUCEDER aos automóveis o que sucede aos homens: poucos chegam a um lugar de primacial destaque sem ser depois de longos anos de esforço. Há vinte e quatro anos que o Buick mantém o seu posto de o mais popular entre os carros de luxo. Repare bem para a espécie de pessoas que são donos dele e verá o que isto quer dizer. É o carro que mais completamente se adapta a todas as exigências.

Tendo conseguido,

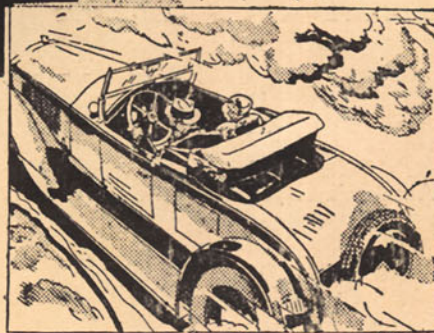
por seus méritos, conquistar a clientela e o conceito das altas esferas sociais, conta por maioria dos seus donos todos aqueles que, pertencendo a essas esferas, tem que levar uma vida de contínua actividade.

Suas linhas de baixa suspensão, assim como a combinação de côres da sua carroserie, colocam o Buick á cabeça de todos os carros da sua categoria. Possuindo seu motor uma reserva de força capaz de

desenvolver sem esforço uma velocidade superior a 100 kilometros á hora, tem contudo á solidez bastante para manter essa velocidade e constantemente a repetir.

Visite o concessionário mais próximo, que de bom grado lhe fará uma demonstração deste admiravel carro

GENERAL MOTORS PENINSULAR, S. A.
MADRID



Força e resistencia de sobra para mais de 100 kilometros á hora

BUICK

Fabricado pela General Motors

CONCESSIONARIOS

Diniz M. d'Almeida
Avenida da Liberdade, 214 a 218
LISBOA

Cunhas & Almeida, Ltda.
Avenida dos Aliados, 75
PORTO



À VENDA EM TOMOS
DE 80 PAGINAS A 9\$00

NOVO DICCCIONARIO
DA
LINGUA PORTUGUESA
POR CANDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Ciências de Lisboa, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiatica de Paris, da Academia de Jurisprudencia de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUARTA EDIÇÃO muito corrigida e copiosamente aumentada

O MAIS ACTUALISADO, AUCTORISADO E COMPLETO

DICCCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA

OBRA COMPLETA

2 grossos volumes solidamente encadernados em carneira 250\$00

Pelo correio (encomenda postal) e embalagem mais 5\$00

VENDA EXCEPCIONAL DE 1.000 EXEMPLARES
EM TOMOS DE 80 PÁGINAS A ESC. 9\$00

A Empresa desejando facilitar a aquisição desta grande obra resolveu a venda excepcional de 1.000 exemplares em tomos de 80 paginas a esc. 9\$00. O comprador poderá receber um tomo por mês, por semana ou como quizer, por motivo da obra se encontrar completa. Pelo correio, á cobrança cada tomo mais 9\$00. Em qualquer livraria do pais podem ser tomadas assinaturas, ou directamente aos editores.

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS OU AOS EDITORES

S. E. PORTUGAL BRASIL

RUA DA CONDESSA, 80 — LISBOA

CORTEBERT
HORAS EXACTAS

METTLER

*Para que
nas longas noites de inverno
as horas passem a correr
basta ler o*

MAGAZINE
BERTRAND

**DOCES
E
COSINHADOS**
*RECEITAS ESCOLHIDAS POR
ISALITA*

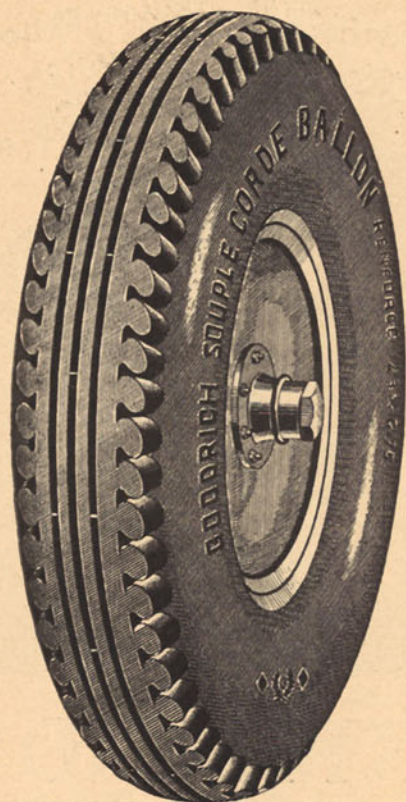
**DOCES
E
COSINHADOS**
*RECEITAS ESCOLHIDAS POR
ISALITA*
LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND
LISBOA

**DOCES
E
COSINHADOS**
*RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA*

Um volume encadernado com 351 páginas

Esc. 25\$00

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS
RESISTENTE E DE
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, P. Duque da Terceira
LISBOA

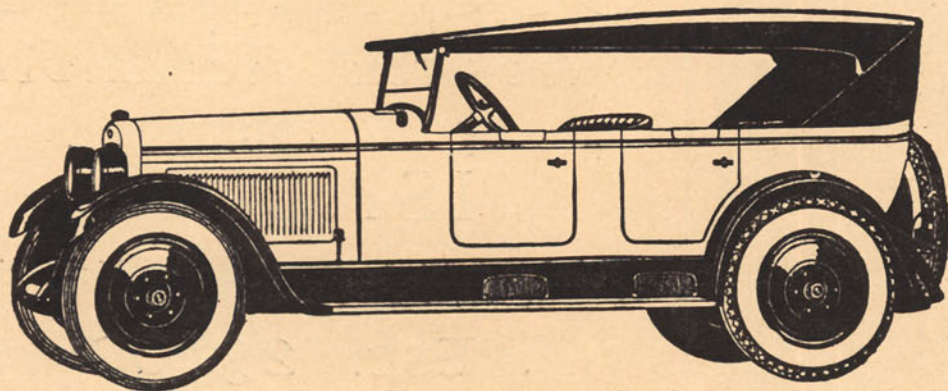
59, Avenida dos Aliados
PORTO

OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

AUTOMOVEIS

DIVERSOS TIPOS

O CARRO UTILITÁRIO



AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO

Dôres do Estomago

alliviadas

com o

REGYL



DIGESTÕES PENOSAS

GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS

Um comprimido depois de cada refeição.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS

Laboratoires MILLET & GUILLAUMIN, 8, Rue Richer, PARIS

NYTHIS

Parfume de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
ÁGUA DE COLONIA
SABONETE

Cy Vendida em todas as casas COZES
Agentes gerais STEITEN & CO, Rua de Madalena 276, LISBOA

Grip-fix

A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA
RAPIDEZ

Não se entorna, colando imediatamente

:: :: após a sua aplicação :: ::

Preço: 12\$00

Únicos representantes para Portugal e Colónias

AILLAUD, LIMITADA

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Tôda a mulher elegante, o que equivale a dizer tôda a leitora da

“ILUSTRAÇÃO”

deve ter na sua pequena livraria de cabeceira a

BIBLIOTECA DAS NOIVAS

organizada por CÉSAR FRIAS. Cada livrinho, independente dos outros, trata dum assunto de grande interesse feminino e contém um curioso prefácio. — Estão a venda os três primeiros tomos:

O AMOR A MULHER O LAR

O mais gentil dos brindes por ocasião de aniversários, casamentos, Natal, Páscoa, etc.

PREÇOS:

EM BROCHURA: — Cada tomo..... 3\$00

ENCADERNADOS EM PERCALI-

NA: — Cada tomo..... 7\$50

Os três tomos num só volume..... 15\$00

ENCADERNADOS EM CARNEIRA:

Os três tomos num só volume..... 20\$00

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS

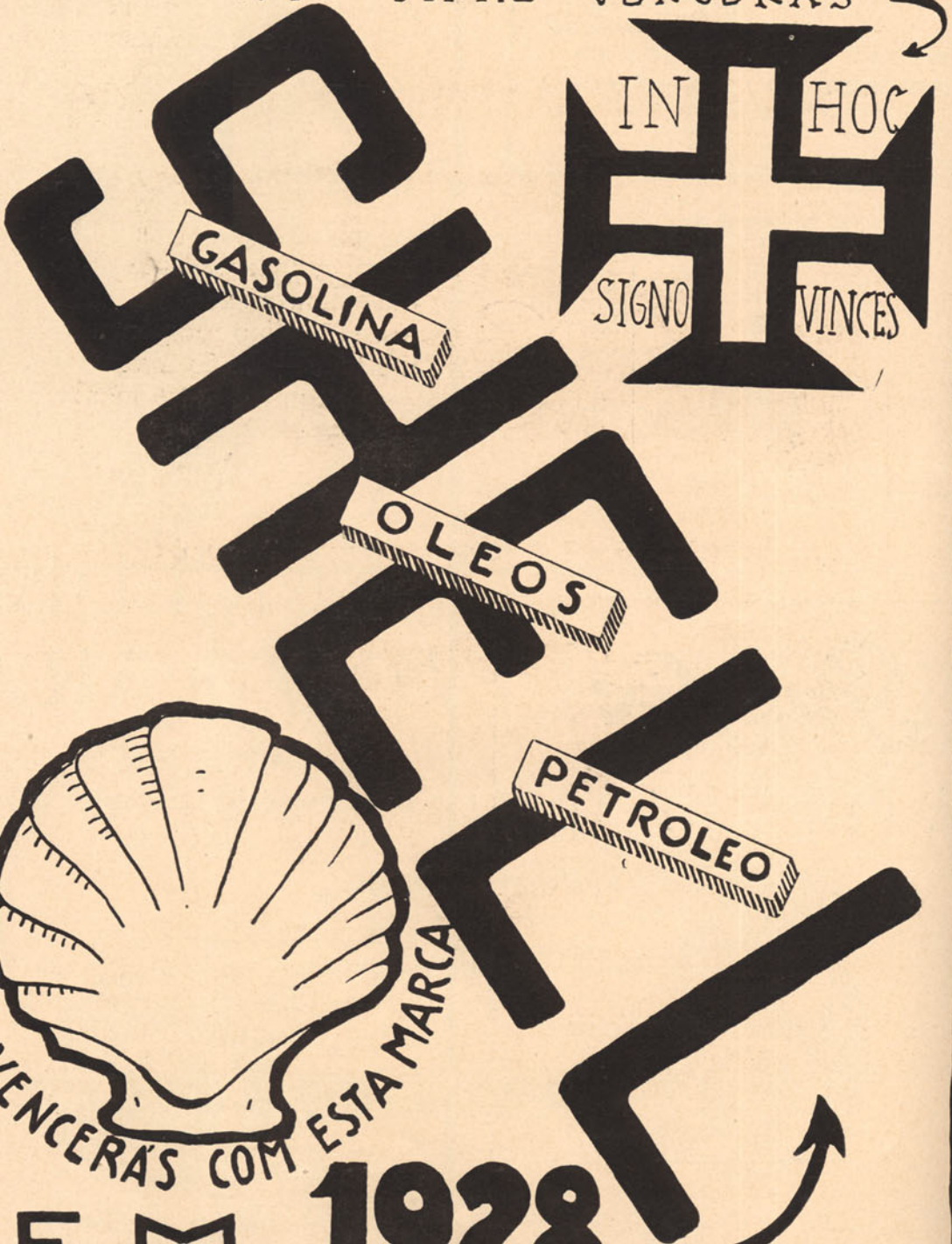
AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

EM 1498

COM ESTE SINAL VENCERÁS



GASOLINA

OLEOS

PETROLEO

IN HOC
SIGNO VINCES



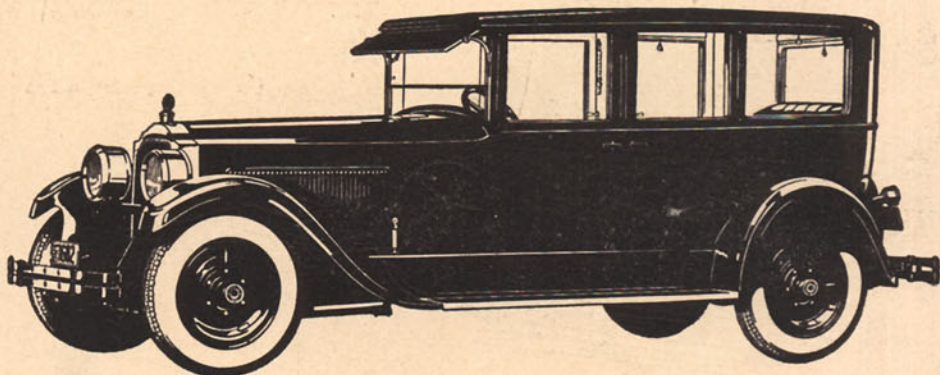
VENCERÁS COM ESTA MARCA

EM 1928



Packard

O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



O AUTOMOVEL DOS ENTENDEDORES



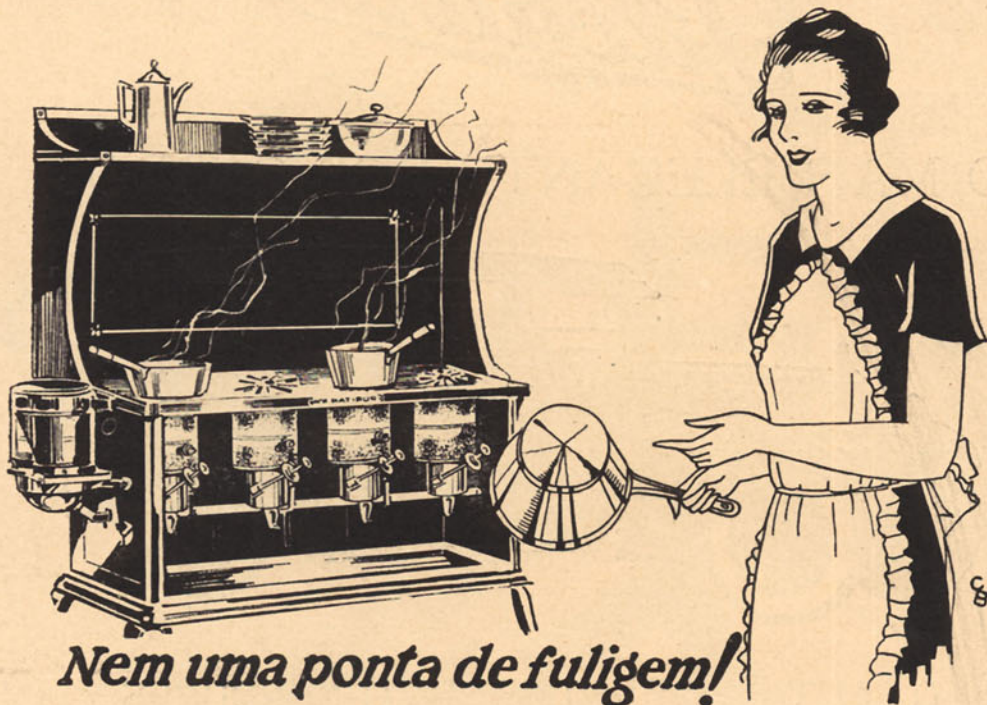
SALÃO DE EXPOSIÇÃO:

4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.^A L.^{DA}

LISBOA—PORTO



Nem uma ponta de fuligem!

**FOGÃO
PURITAN
cômodo
asseado
econômico**

V. Ex.^a pode adquirir hoje mesmo um Fogão Puritan. Damos-lhe um prazo de 6 meses para o pagar por completo. Venha vê-los ao nosso Salão do Rocio.

À venda na
Vacuum Oil Company



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. d'Alegria, 30—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25—Lisboa

DIRECTOR-DELEGADO:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

ANO 3.^o — NÚMERO 55

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE ABRIL DE 1928



SUA EXCELENCIA O SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA,
GENERAL ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA

ELITO EM PLEBISCITO NACIONAL, NO PASSADO DIA 25, PARA A MAIS ALTA MAGISTRATURA DA NAÇÃO

Crepúsculo dos cães ingleses



Tudo neste mundo acaba. A questão é de tempo. Há, porém, uma grande máquina, das que mais tem assombrado o mundo, e que todos os dias, embora pouco a pouco, estamos vendo acabar: é a Inglaterra.

A Inglaterra, centro do maior império que olhos humanos tem visto; ilha de cidades e fábricas; organismo polvar, com a sua capital de sete milhões de almas cujo corpo se estende, espalha ou braceja por todos os continentes, arquipélagos e mares... Esta criação artificial e monstruosa tem, como já vamos ver, os seus grandes dias contados.

A Inglaterra, quanto mais conhecia, dominava e explorava os homens, tanto mais gostava dos cães. Doutrina de-certo literal e etimologicamente *clínica*, mas que fez do centro do Império Britânico o canil mais confortável que jámais houve, o verdadeiro paraíso terreal dos *bull-dogs*, *fox-terriers*, *pekinese*, *greyhounds* e *tutti quanti*.

Todos estes seres privilegiados, com os seus focinhos inverosímeis, nasciam *lords*, naturalmente e *ipso jure*, como noutras partes se nasce cão ou homem, sem mais cerimónias. Nasciam, e tinham logo, prontos e bem instalados, os seus quartos de cama, os seus *drawing-rooms*, os seus *Kindergärten*, os seus hospitais e os seus *clubs*. Eram verdadeiramente a flor do Império: a *Thing of beauty and a joy for ever*. Para que eles gozassem e brilhassem, abria-se o canal de Suez, trabalhava a Índia, formigava a China, vegetava a Rússia. O mundo inteiro, com os seus suores e misérias, dores e ansiedades, era simples acessório, mero pretexto para justificar aquelas existências de eleição; e a História Universal, bem lida e bem meditada, e que mais continha de interessante, a não ser a árvore genealógica, o *pedigree* de algum verdadeiro e autêntico *gentledog*?

Pois tudo isto vai acabar. A Índia quer «viver a sua vida»; a Rússia compra pouco, porque não tem com quê; a China dispensa o ópio e embebeda-se agora com sangue chinês, produto indígena e muito mais barato. O Império Britânico treme nas suas bases. Há na Inglaterra mais de um milhão de homens sem emprêgo, dos quais bem se poderia dizer que levam «uma vida de cão», se esta expressão não fôsse, a propósito de pobres homens ingleses, ridícula e contra-productente.

Sendo preciso alimentar as multidões desempregadas e ociosas, os financeiros britânicos, desajudados pelas circunstâncias graves em que o Império se encontra, não tem senão um recurso, que é fazer pagar pelos que trabalham e possuem a inacção e a miséria dos outros. É uma espécie de autofagia, de-certo; mas constitui a única e eterna maneira de resolver um problema desagradável: sempre, desde que há mundo, os homens que não tem mais que comer se comeram uns aos outros, com inabalável convicção e eficácia. Acontece isto muito nos naufrágios, e não há razão nenhuma especial para que seja diferente do dos barcos perdidos o «menu» dos impérios que naufragam.

Impostos cada vez mais altos, expropriação cada vez maior da riqueza adquirida, tal é a política financeira a que a Ilha Fabril se vê reduzida, desde que as suas exportações diminuíram e não dão sinal de voltar outra vez ao que eram. E eis aí porque foi agora aumentada a proporções nunca vistas a taxa imposta aos possuidores de cães, cãesinhos e canzarrões, admiráveis animais que são os complementos subjectivos de tantos súbditos e súbditas de Sua Magestade Britânica.

A nova lei fiscal entrou agora em vigor, e a estatística diz que mais de 200.000 cinófilos

militantes se viram forçados a separar-se de seus amigos e companheiros caninos — a separar-se da maneira mais dolorosa e trágica: mandando-os matar. Vendê-los ou dá-los a outras pessoas era solução impossível, visto que o imposto proibitivo iria perseguir por toda a parte os pobres animais, como implacável sentença de morte.

Houve então um tropel de desgraçados cinóforos, e principalmente cinóforas, às portas dos estabelecimentos onde se cloroformizam os cães, ou lhes propinam injeções mortíferas. Houve scenas patéticas e comovedoras em que figuravam, sobretudo, como herófnas de tragédia, velhas damas inglesas respeitáveis, que não tinham mais «ninguém» neste mundo, e que choravam como a Niobe antiga, beijando e abraçando os seus tótós antes de os entregar ao carrasco.

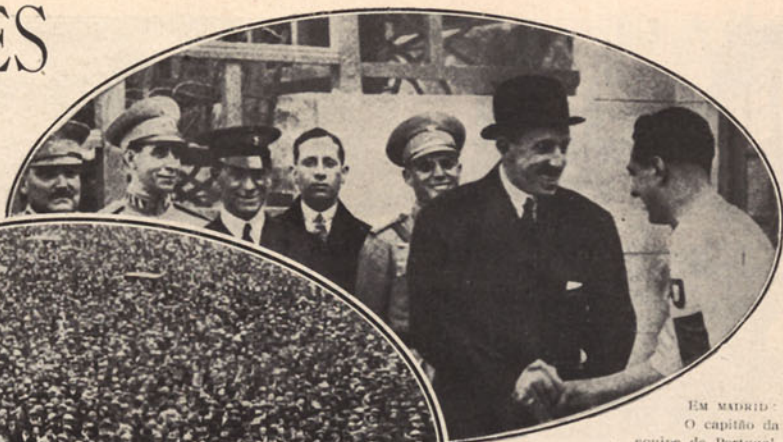
Francisco Grandmontagne, delicioso humorista espanhol e inimigo confesso dos cães, deve estar contente a esta hora. Ele detesta esses animais pseudo-civilizados, revoltando-se contra o cinismo *dos seus costumes privados, que não podem ser mais públicos*, e contra o seu servilismo cándido, bem estereotipado no provérbio que diz: *Podes chamar-me cão, com-tanto-que me dês pão*.

Mas, exactamente por isto, a Inglaterra amava e distinguia os cães. Na contemplação risonha destes parasitas e aduladores servis, ela repousava do seu fecundo culto da independência e da energia do carácter; e o respeito britânico das maneiras, das atitudes, das conveniências, ou das aparências, deliciava-se humoristicamente no convívio com o cão, considerado pelos seus inimigos como o maior dos desavergonhados.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

ACTUALIDADES

NO OVAL, em baixo: — O público de Lisboa esperando ansiosamente, na Praça dos Restauradores, notícias do VII desafio Lisboa-Madrid Militar, em foot-ball, efectuado na capital espanhola e em que o grupo representativo da guarnição de Lisboa perdeu por 4 goals a 2, numa luta muito comentada pelos criticos. — (Foto Illustração)

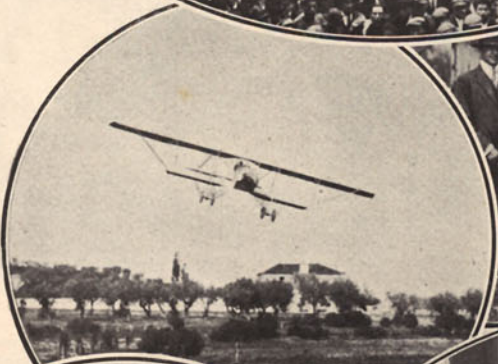


EM MADRID: — O capitão da equipe de Portugal, Jorge Vieira, apertando a mão a El-Rei D. Afonso XIII. — (Foto Illustração)

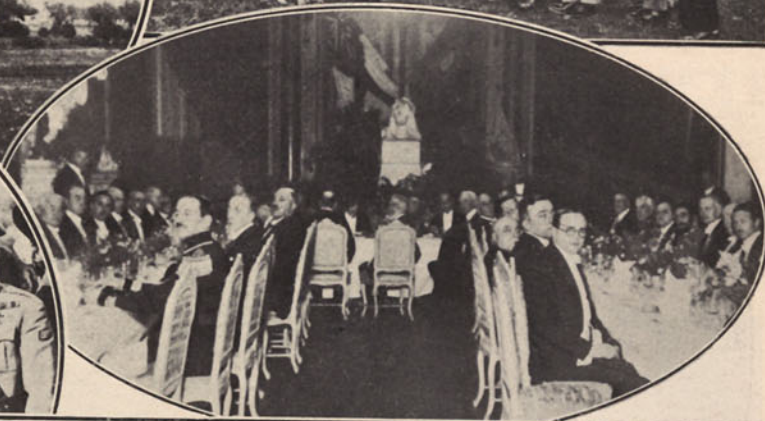
A DIREITA: — Os aviadores que tomaram parte no grande «meeting» de aviação no aerodromo do Campo Grande. — (Foto Illustração)



NO MEDALHÃO de cima: — Um aeroplano aterrando no campo onde se instalará o futuro aeroporto de Lisboa. — (Foto Illustração)



NO OVAL, à direita: — O banquete oferecido pela Câmara Municipal nos representantes da Vintner's Company, de Londres. — (Foto Illustração)



NO MEDALHÃO, em cima: — A assinatura do auto de entrega dos esnes que os representantes da Vintner's Company ofereceram à Câmara para o logio do Parque Eduardo VII. — (Foto Illustração)

A DIREITA: — O provedor e mesarios da Vintner's Company, com os seus traços característicos, acompanhados pelo presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal. — (Foto Illustração)





Um aspecto da Procissão do Senhor dos Passos na Foz do Douro (Porto)
(Foto Alvaro Martins)



A procissão do Senhor dos Passos em Matosinhos. O pódio
(Foto Alvaro Martins)



A conferência sobre o estatuto de Tanger reúne em Paris. Da esquerda para a direita: Os representantes da Espanha, França, Inglaterra e Itália

(Foto H. Manuel)



Os estudantes de Medicina de Lisboa em Tanger. A comissão promotora da viagem em grupo com o seu mestre, dr. Salazar de Sousa, vice-consul e chanceler do consulado português, comandante da «Bengo» e pessoal marroquino do consulado



No Porto efectuou-se uma sentida romagem de estudantes ao túmulo do professor Luis Woodhouse. O sábio professor Gomes Teixeira usando da palavra
(Foto Alvaro Martins)

A DIREITA:— Um aspecto da grande manifestação à chegada a Lisboa do sr. general Ivens Ferraz, nosso delegado em Genebra

(Foto M. Novais)



PELO PAÍS

NO OVAL. — BRAGANÇA — O senhor coronel Vicente de Freitas foi homenageado com um almoço pelo sr. Comandante Militar, tenente-coronel Guilherme de Araujo, sr. Governador Civil e outras entidades oficiais



EM CIMA: — BRAGANÇA — Banquete de homenagem ao sr. Ministro do Interior, oferecido pelo sr. Governador Civil, capitão Tomaz Fragoso, e representantes das Câmaras Municipais do distrito



NO OVAL, à direita: BRAGANÇA. — O sr. Ministro do Interior com o Governador Civil e com os representantes dos Municípios, depois duma conferência eleitoral



A DIREITA: — CASTELO BRANCO. — Três aspectos flagrantíssimos do grande descurralimento na linha da Beira Baixa, a dois quilómetros de Sarnadas, em que houve grandes prejuizos materiais e onde se pro-



As fotos de Bragança são do sr. tenente Serafim Pimenta; as de Castelo Branco respectivamente do srs. Barroso Ramos (desastre ferroviário), e Albano Silva (caçada), que gentilmente as enviaram à Ilustração



vou a abnegação dos bombeiros de Castelo Branco, que acudiram no sinistro. As nossas fotos foram tiradas uma hora depois do desastre

NO OVAL, à esquerda: — EM ELVAS. — A procissão do Senhor dos Passos, efectuada com grande brilhantismo nesta linda cidade, saindo da igreja

A DIREITA, em baixo: — EM CASTELO BRANCO. — No Monte da Taleigreira, propriedade do sr. Távares Proença, effectou-se uma grande batida aos lobos, sendo abatidos dois e duas raposas. Na montaria, organizada pelos srs. João Maria da Graça, capitão Leal Caio e Jacobetty Rosa, tomaram parte entre outros o dr. Crucho Dias, director da «Era Nova», Francisco Lucas, João Maria da Graça, dr. Lopes Dias, Francisco Graça e José Castanheira, marcados na nossa foto com sinais (X)



VIDA ARTÍSTICA



A ESQUERDA: — A consagração da grande Adelina Abranches — A eminente artista rodeada pelas primeiras figuras da scena e da dramaturgia nacional por ocasião da brilhantissima homenagem que lhe foi prestada no Teatro de S. Luis. — (Foto Ilustração)



NO OVAL: — Na exposição do Grupo Silva Porto — Os expositores com os senhores ministro de França, embaixador de Espanha, o critico de arte Louis Gillet e outras personalidades. — (Foto Salazar Dinis)



EM CIMA: — A escultura «Ancestralidade meridional» do joven artista Leopoldo de Almeida, que mereceu as honras do ingresso no Museu de Arte Contemporânea.



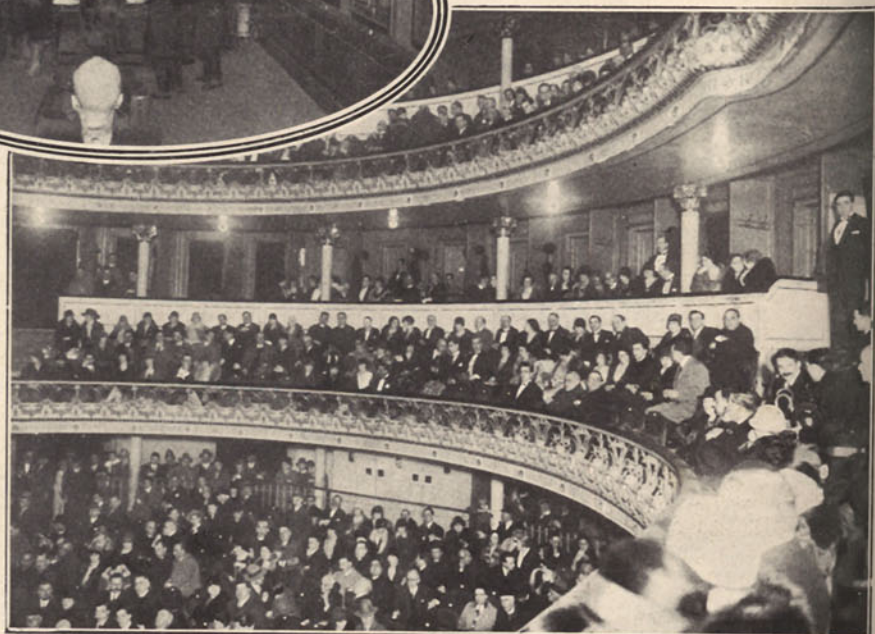
NO MEDALHÃO: — O pintor José Tagarro à direita, com o pintor Roberto Nobre e o director da Ilustração, na exposição daquêle artista. — (Foto Ilustração)



NO OVAL: — Um aspecto da exposição brilhantissima de José Tagarro, no Salão Bobone. — (Foto Ilustração)

EM CIMA: — A exposição dos caricaturistas brasileiros Ruben Trinas e Tomaz de Melo, na casa de Tapetes de Betriz, foi visitada pelo sr. embaixador do Brasil e alto pessoal da Embaixada. — (Foto Ilustração)

A DIREITA: — Um aspecto da assistência à soirée de gala que o empresário Castelo Lopes ofereceu à Imprensa, artistas e individualidades em destaque, para apresentação em Portugal do monumento cinematográfico «O Rei dos Reis» de Cecil B. de Mille. Assistiu o sr. Presidente da Republica, general Oscar Fragoso de Carmona, membros do Governo, alto cléro e Corpo Diplomático. — (Foto Ilustração)



FIGURAS

EM

F O C O



MOTA CABRAL

Um dos mais distintos colaboradores da *Ilustração*, e que tendo obtido um legítimo êxito com o seu livro *Ao Sol* — colectânea de crónicas e impressões sobre coisas portuguesas, em especial do Ribatejo — acaba agora de publicar um outro livro sob o título *A vara larga*, e o qual, sendo a continuação do primeiro, terá como êste o acolhimento que merecem as suas páginas cheias de máscula saúde e forte alegria.



CANDIDA AYRES DE MAGALHÃES

Ilustre senhora e brilhante poetisa, que acaba de publicar um novo e formoso livro, «Azas feridas», destinado a grande êxito de livraria.



GENNE TUNNEY

O formidável campeão do mundo de «box», depois de ter derrotado duas vezes o famoso Dempsey, anuncia o seu casamento... e um próximo concerto de harpa.



ROSCOE ARBUCKLE

O célebre «Fatty», cómico do cinema, retirado do *écran* pela sua prisão como indigitado assassino de sua mulher, e que se exhibe num *music-hall* de Paris.



BERT HINCKLER

O arrojado aviador que fez o percurso em avioneta de Londres à Austrália acompanhado de sua esposa (no medalhão).



ADOLFO FARIA DE CASTRO

Moço e brilhante jornalista que está realizando uma viagem de reportagens literárias pela Madeira e enviará à *Ilustração* as suas impressões do maravilhoso arquipélago.

(Desenho de Tagarro)



DIOGO DE MACEDO

O grande escultor cuja exposição tem sido o mais brilhante êxito da temporada artística e a quem dedicaremos um artigo no próximo número.

A TERRA PORTUGUESA NOS SEUS ASPECTOS CULTURAIS

IV. — JARDINS BOTANICOS (cont. do n.º 54) — O JARDIM BOTANICO DA AJUDA



Doas velhas tamarceiras; no fundo o Palácio da Ajuda

O Jardim Botânico da Ajuda tem perdido desde muito o seu significado antigo, como campo de estudos sobre a flora; mas, já pela honrosa tradição, já pelo interesse decorativo que não perdeu — e antes permanece reavivado — merece bem que dêe nos ocultos igualmente neste lugar.

Figura como uma das iniciativas do Marquês de Pombal, e instalou-se na quinta do antigo Palácio Velho da Ajuda, designada ao tempo «Quinta de Cima». Pela sua admi-

Mas, entretanto, a pureza do estilo da traça inicial foi-se adulterando pelo desenvolvimento inadequado de várias plantas, de elevado porte, e quando, em 1910, a administração do Jardim ficou finalmente entregue ao Instituto Superior de Agronomia, todo o trabalho do novo director, o Professor Joaquim Rasteiro, incidiu essencialmente na recondução do conjunto às suas primitivas linhas. Tal trabalho, pode dizer-se, que está hoje concluído.

Admira-se neste jardim, ao gosto da época, mais um exemplo condigno daquela fase da jardiniçultura em que foi uso associar, em larga escala, à decoração pelas plantas regularmente encanteiradas e talhadas geométricamente, quando a geito, a decoração pela pedra trabalhada, já em muros de balaustres, já em porticos, já em tanques e cascatas, seu floreado remate, já em estatuas dispersas ou adrede colocadas nos sitios da melhor escolha e de predilecção justificada.

Dêste estilo architectónico, para o tipo italiano, apresenta o Jardim da Ajuda como essenciais elementos a muralha divisoria dos dois taboleiros principais, formando soalco de grande desnível, e que uma elegante balaustrada corôa; e a escadaria que liga os dois pavimentos; e no terreiro inferior o grande tanque de pedra bem lavrada, tendo ao centro, peça de rebuscado enfeite, a cascata em que se acumulam, como curioso e apropriado motivo, os mais variados exemplos da fauna anfibia. Não é fácil encontrar no género, entre nós, coisa que se equivalha em riqueza ornamental e perfeição de trabalho.

Não são os jardins dêste estilo os mais apropriados à apresentação de exemplares botânicos na sua verdadeira beleza, consentido a cada planta o porte natural, e o espaço adequado a êsse porte. Dêles pode dizer-se que encaram a planta como um motivo, como um meio, não como um fim; e o conceito do nosso tempo tende a respeitar, honra lhe seja, cada vez mais a livre expansão das formas, dos contornos, digamos: das atitudes naturais.

Mas porque há, também, muitas amostras de beleza nessa obra do passado, e creio que o jardim em questão é uma delas, bem fez a Escola de Agronomia, da qual hoje o jardim depende, em suprimir certas adulterações do estilo, reintegrando a obra no aspecto fundamental que tão distintamente souberam imprimir-lhe.

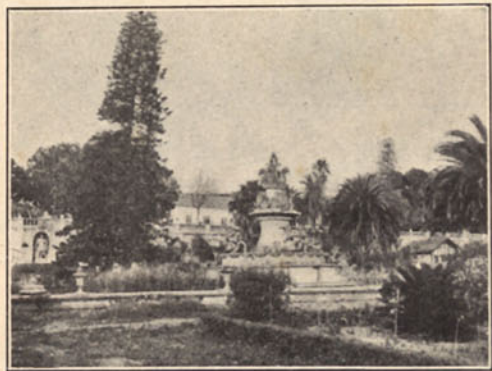
Alguns exemplares botânicos

podem ser citados pela sua raridade; e acima de todos um belo «dragoeiro» que mede 42 metros de perimetro de copa, e é hoje talvez o maior exemplar conhecido; atribuem-se-lhe para cima de 200 annos.

As estufas do jardim, que ficam no pavimento superior, são as mais ricas de Lisboa e, creio bem que do país, em matéria de avencas; centenas e centenas de vasos ali se acumulam, tratados carinhosamente, um a um, pelo velho jardineiro Fernandes, que já vai nos seus 80! Só a venda das fôlhas



Muralha com balaustrada e escadaria monumental



Grande tanque central e cascata

nistração passaram alguns dos melhores nomes dentre aquêles que, nacionais ou estrangeiros, de botânica se teem occupado neste país; assim Vandelli (de 1768 a 1794) e seu construtor Avelar Brotero (de 1811 a 1828) que muito traballou para desenvolver as plantações. Este foi o período aureo do jardim como horto botânico.

Em 1839, de autonomo que era, foi anexoado à Escola Politécnicia; e dirigiram-no successivamente José Maria Grande (socorrendo-se da autoridade de Welwitsch), Andrade Corvo e Conde de Ficalho. Até que em 1873 é organizado o actual Jardim Botânico da Escola (hoje Faculdade de Sciéncias), e o Jardim da Ajuda perde todo o seu primitivo carácter, passando a propriedade da Casa Real.

Sob êste aspecto de nova administração foram notáveis certas colecções de plantas de estufa ali mantidas, como por exemplo uma de orquídeas de que muito se ufanava o falecido rei D. Luís.

de avenca, obtidas pela limpeza dos vasos, é receita para algumas centenas de escudos annuaes! Não é mau que as senhoras lisboetas, leitoras da *Ilustração*, saibam que veem dali, quasi com certeza, tôdas essas fôlhas delicadas que tanto ajudam a enfeitar-lhes os ramos que embelezam suas casas. Uma visita de agradecimento ao jardim impõe-se, em consequência!

Dêste mesmo primeiro pavimento, sensivelmente ao nível do portão de acesso que fica ao alto da Calçada da Ajuda, a vista sobre o Tejo é deslumbrante: continuamos ainda na zona privilegiada, que referi da vez anterior, possuidora de um conjunto harmonico de circunstâncias que fazem dêstes sitios dos mais nobres de Lisboa.

AZEVEDO GOMES.



Exemplar raro de dragoeiro



ADELAIDE LIMA CRUZ—Natureza morta

LUÍS ESTESO E A SUA OBRA



Luís Esteso tal como trabalhava no palco

A propósito do falecimento do actor espanhol Luiz Esteso, justo se torna dedicar algumas palavras áquele admirável temperamento de artista que fez rir toda a Espanha, quer á luz da ribalta, quer através duma vineta de grossos volumes que Fernando Fé vem lançando á publicidade na convicção plena de prestar um esplêndido serviço aos espíritos entristecidos, sombrios ou concentrados.

Esteso notabilizou-se pela onda de humorismo que espalhou com os seus chistes, monólogos picarescos, romances em *chuffa*, *chascarrillos* e epigramas, assemelhando-se na sua originalidade a Bocage, Barão de Roussado, Júlio Cesar Machado, etc.

No tablado, não conheço artista que com mais perfeição do que Luiz Esteso me faça recordar o actor Vale do Gimmásio. A sua entrada em scena, o esboço dum esgar, uma palavra solta dum período que não acabou, enfim, tudo isto provocava hilaridade geral. As gargalhadas rompiam espontâneas e vigorosas.

Com o que vulgarmente se chama a *piada*, acontece o mesmo do que com a música. Dá prazer quando é pouca e boa e causa enfado quando é prolongada; razão porque Esteso adoptou o chiste curto e expressivo, graça-jando com moderação e até com filosofia, tirando sempre dos seus ditos um conceito aproveitável.

A graça influi tanto no espírito como o bom senso. É irmã do bom gosto; é sua fiel companheira, embora com atribuições diversas e feições semelhantes. Aquele artista espanhol cultivou a graça que seduz, a graça excitante que agrada á maioria e, ainda com inextinguível talento, a graça que toca o coração. É que Luís Esteso sentia a *piada*. Não era um humorista visionário, mas sim um pensador com bastantes características de filósofo, cujas sentenças são tão úteis á vida como o pão que se come.

Há quem viva para rir e quem se governe do riso. Parece-me que Esteso estava no segundo lugar.

Fora da scena não tinha nada de comum com aquele tipo burlesco que fazia chorar a rir. O cenário da vida não merecia o *baton* que punha na cara. O tempo era absorvido pelo estudo constante dos clássicos, cujas obras ele não abandonava, tanto em casa como em viagem. Adorava Gil Vicente e os seus autos.

Estudando e recitando as suas produções, tinha sómente a alegrar-lhe a vida os dezoito anos floridos da azogada filha Luísa Esteso, que com ele trabalhava em números de canto e baile.

O ACTOR E O ESCRITOR — COMO DUM CAIXEIRO DE MODAS. RESULTOU UMNOTÁVEL HUMORISTA — A HISTÓRIA DA LITERATURA ESPANHOLA AO SERVIÇO DA ANEDOTA — «TON-TERIAS» E «CHISTES»

Fomos companheiros em Zaragoza e Madrid. Em volta duma mesa de café, os três, às tardes e depois do espectáculo, qualquer motivo servia para um alegre paleio em que abundava a anedocta oportuna, a sátira entrecortada pelos ápartes da filha que, jovem e fresca, não reprimia o riso espontâneo e penetrante.

Foi no café Cambrilles, na Praça da Independência, em Zaragoza, a pouca distância dessa maravilhosa realização de Benlliure, que evoca os rudes combates por ocasião das invasões francesas, que ultrapassei os limites da cerimónia, procurando conhecer os antecedentes de Esteso, que eu presagiava curiosíssimos.

— «Nasci em San-Clemente, um *pueblecito* da provincia de Cuenca — narra Esteso com um desprendimento cômicamente expressivo.

«Até aos quatorze anos estive na oficina de alfaiate que meu pai possuía, indo depois dar com os ossos em Criptana, num estabelecimento de modas, justamente na ocasião em que começava a compôr alguns versos, apoiado por uma verdadeira febre lírica.

O patrão indignava-se comigo porque não podia ver que eu desenhasse a vendas das *camisetas* para me entregar á escrita... em linguadros curtos! Como era de esperar, fui posto na rua, sendo forçado a voltar para Cuenca, para casa de meu pai.

Ao autor dos meus dias não agradou o meu regresso, barafustando por tudo, sempre que lhe aparecia o mais pequeno vestígio da minha queda para a poesia. Dizia-me ele:

— Oh Espronceda! Oh, Campoamor, vem aqui pôr uns forros nestes colêtes, porque *aunque te pique la musa, no vás a estar parádo*.

E assim fui ridicularizado por muito tempo.

«Era militar na ocasião em que me estreei como autor dramático. Foi em Barcelona. A peça agradou, mas quando saí dos bastidores fardado de soldado, para agradecer as ovações, pouco faltou para ir do palco ao presídio militar... Como vê, tenho uma agradável recordação do meu primeiro êxito teatral! A pesar d'êste *ligeiro* incidente, jámais deixei de ser escritor.

«Não gosto de escrever á máquina porque estou habituado a entalar a caneta na orelha e nem por isso tenho deixado de escrever continuamente. Recito as minhas obras, que agradam a toda a Espanha, país êste onde mais facilmente se atinge a notabilidade *arimando-se al toro* do que abraçando-se ás letras!... Isto sem desconsideração para a festa brava que admiro entusiásticamente, porque vêjo nela uma singular revelação de colorido, valor e arte.

Na tauromaquia dá-se o mesmo do que na guerra do tempo daquele general spartano que exigia que os seus soldados combatessem com espadas curtas para se aproximarem mais do inimigo.



O último retrato de Luís Esteso

Tanto no teatro como na arena *hay que ir á cara do touro e do público, dominando-os*.

Luís Esteso dando largas a uma rara veia humorística, temperando com ela a sua vasta cultura e invulgar erudição literária, publicou o curioso trabalho *Viaje al Parnaso*, repleto de comentários felizes, concebidos com uma irreprimível sátira, focando todas as figuras da literatura espanhola:

Yo que en amor me abráso por la dulce poesia castellana.

Comencé a cantar como el que tiene Acólada la fuente de Hipocrene. Soy poeta me dije, soy poeta. Soy hijo de Apolo

Que ha perdido hace tiempo la chavela...

Doy principio A mi canto

Imortal

Pues quien canta la gloria nacional

Quien canta a España en su esplendente gloria, Merece eterna y sin igual memoria!

E desta maneira vai desfiando em inspirados e alegres versos, a história da literatura do seu país, vincando personalidades como Cervantes, Lope de Vega e tantos outros clássicos. Cristobal de Castro, Galdós, Flores, Revenga, Cavia, Ibañez, Valdez, Zuniga, Marquina, Blanca de los Rios, Carmen Burgos, Concha Espina, Cecelia Camps, Sofia Casanova, Santiago de Rusiñol, Benavente, Quinteros, etc., para todos tem uma alusão espirituosa.

Para terminar, reproduzo alguns chistes que jámais olvidarei. Dizia Luís Esteso, com irresistível graça:

«Neste mundo está tudo muito bem constituido. Por exemplo, os cabelos, se em vez de saírem para fora da cabeça rompessem para dentro, o cabelo far-nos-ia tantas cécegas nos ossos, a ponto de enlouquecermos de tanto nos rirmos!...

E nos irracionais? Olhe o ouriço!

Todo o homem económico, quando tem o fato coçado, manda-o voltar. Calcule se o ouriço seguisse o mesmo sistema!

Até se me põem os cabelos em pé, só em pensá-lo!

Porque fala tanto minha filha?

Porque foi vacinada com uma agulha de gramofone!...

José Luís Ribeiro.

LA SEMANA EN ESPAÑA SU ASPECTO NA SANTA PAÑA ARBITRARIO

Las fiestas de Semana Santa, conmemorativas de la sublime tragedia del Gólgota, ofrecen en España un aspecto por demás pintoresco que bien merece las frívolas glosas que hoy les dedicamos.

Nada tan desquiciante, aun para el espíritu mas simplicista y menos observador, que esas fiestas en donde la religiosidad fanática, está unida en fiel maridaje al más absurdo paganismo.

Los mismos labios que, amorosamente musitan piadosa oración y lanzan al espacio las sonoridades de una «saceta», que es sentimental canción del alma popular, suelen contraerse airados para improperar á una imagen perteneciente á otra Cofradía.

El vino, ese vino dorado que tiene en sus entrañas la luminosidad del Sol de Andalucía y la alegría cascabelera de sus mujeres es libado con exceso por todos los fieles que así conceden la prioridad de sus cultos al Dios Baco.

Las mujeres, tocadas con la clásica mantilla española, cuyas blondas ofrecen sugestiva nota de color al contrastar con los rojos claveles, lucen, pintureras, sus mejores galas y joyas, mostrando-se ufanas al oír el requiebro proclamador de su belleza. Ellas, brindan en todo momento el armonioso conjunto de sus risas atolondradas y de sus decires ingeniosos, tomando parte activísima en estas fiestas de Semana Santa, que sabiamente se celebran en principio de la Primavera, renovadora de la sangre, engendradora de nuevos bríos y de mayores ardimientos y pasiones...

Sevilla, Málaga, Granada, Murcia, Toledo, Puente Genil y otros muchos pueblos de mi querida España, cifran como la más preciada ejecutoria de su vivir, la suntuosidad de sus procesiones, que suelen durar de cuatro á seis dias con sus respectivas noches. Estas manifestaciones del culto externo que más parecen hechas para afirmar el «encanto de vivir» que para recordar los abismos de ultratumba, constituyen una diversion constante, con derroche de dinero, alarde de lujos, y desenfrenos de pasiones, sin excluir el aspecto mercantilista que entrañan para el comercio y la industria.

Y sin embargo en el fondo de todo ello palpita un sentimiento de religiosidad que, si por su exteriorización es absurdo, por la recta intención que lo inspira merece respetos. Y ese espíritu de religiosidad, tan arbitrariamente sentido, opera el milagre de que jamás se registren hechos delictivos en los dias de Semana Santa, no obstante la pasión y la alegría sin freno, que en todos

«Ilustração», querem sabor rático a este ar brilhante jornalista do em espanhol esta sé momento que marcam e ele

do conservar todo o tigo, assinado por um país vizinho, insere rie de impressões de pela sua sinceridade gância

los pechos anida y el alcohol que eliminam todos los cerebros. Si alguna vez se llegó á una discusión violenta fué motivada por defender el «historial milagroso» de cualquier imagen, Patrona de una Cofradía.

Entre las muchísimas anécdotas, demostrativas de la extraña religiosidad que el alma popular pone en las fiestas del Redentor, el cronista no puede sustraerse al deseo de ofrecer alguna.

Se celebraban, hace algunos años, en Puente Genil, pueblo pintoresco de la serranía de Córdoba, las clásicas procesiones de Semana Santa.

Era un amanecer suntuoso, por sus tonalidades de color que anunciaba la esplendidez del naciente dia. Los fieles, en numero igual al de vecinos del pueblo, desgastadas sus energías físicas por lo cruento de la jornada y por las languideces que á sus musculos habian llevado las continuas libaciones, procuraban mantener el equilibrio de sus cuerpos... Inesperadamente vibró en el espacio la voz armoniosa de una mujer que lastimosamente, con genuflexiones de gran potencialidad sentimental, cantaba á guisa de oración una «saceta». Terminado el cantar, el hombre que la acompañaba, ebrio de entusiasmo y de vino, arrojó su copa, violentamente, contra la imagen del Crucificado diciendo: «Veve, Jesus, que hasta Dios tiene que vever al oír esa «saceta».

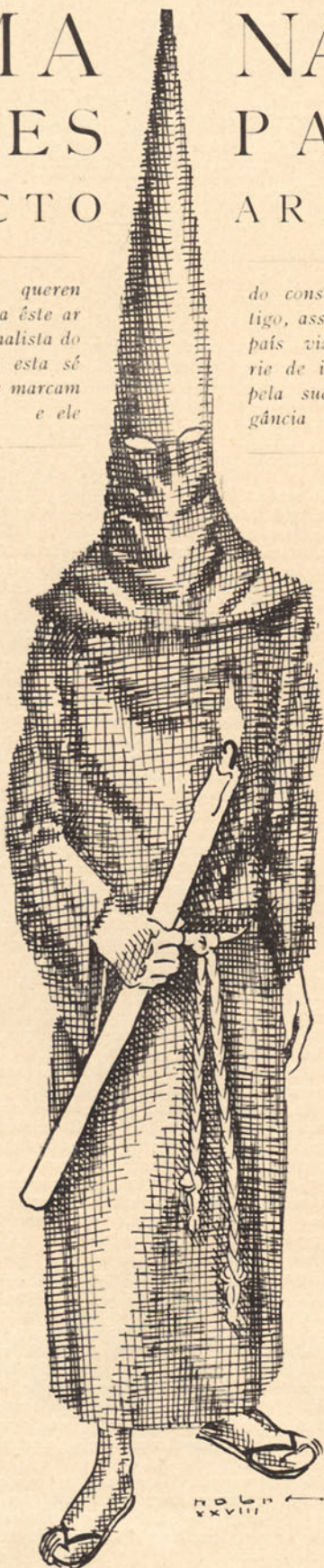
La copa, al hacerse pedazos contra el rostro de la escultura, y como consecuencia del choque, produjo deterioros en aquella obra artística debida á uno de los más esclarecidos escultores del siglo XVII.

Han transcurrido muchos años desde que se registró el hecho que ligeramente queda relatado.

Si vas, lector amigo, á Puente Genil en época de Semana Santa, llamará poderosamente tu atención un pobre viejo— aun vive —depauperado, que, cargado de hierros en sus piernas y sus pies descalzados, torpemente sigue, dando guardia de honor, á la imagen del Cristo de la Expiación.

Ese viejo, abnegado, que realiza tan enorme sacrificio, superior á sus energías físicas, fué en otro tiempo el joven arrogante que influenciado por una copla que cantara su novia, arrojó, en sacrilega invitación, la copa de vino contra el rostro de la imagen.

Del castigo que él se impuso, solo la muerte lo indultará.



I B S E N

O CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

Ibsen é o dramaturgo mais poderoso que a literatura contemporânea regista sob o ponto de vista de realização mental e moral, porque o seu Génio extraordinário não foi, no dizer dum dos seus biógrafos, ideia sómente, mas ideia paixão, ideia sofrimento, ideia ligada à vida. Ibsen é um ser sentindo o que pensa. O seu espírito subtilíssimo debate-se na opposição que nas condições actuais da sociedade reina entre a realidade e o ideal! Os seus olhos viram a luz nessa cidade típica de Skien, plantada na costa norueguesa, emoldurada nas rochas, com todo o mistério da sua vegetação precária e a neblina do seu ambiente nórdico. Ibsen é, ao mesmo tempo, a intercepção de dois temperamentos divergentes: o de sua mãe, alemã luterana duma austeridade rigidíssima, o de seu pai, negociante generoso mas enérgico, para quem o dinheiro vale pela aplicação que pode ter às necessidades da vida e à prática da mais fecunda actividade. E, precisamente quando o seu raciocínio começava a clarear, logo depois dos oito anos, a ruína invade o lar, para reduzir a opulência familiar de até então, ao ferrete da privação.

É nesta desolação a que se afeiçoava precocemente uma alma juvenil, que Ibsen vai experimentando a projecção angustiada da vida difícil que a orfandade mais avassala, quando o toca, outros tantos anos após. Experimentando o seu espírito por noções dum teologismo escolar que d'ele tomava conta, o autor de *Rosmersholm* é então um ente taciturno batido dum pessimismo quasi imposto pela sua condição dolorosa. Sem amor, sem segurança na existência, os seus vinte anos são bisonhos, apreensivos, quasi nirvânicos. Mas a sua vontade impõe-lhe uma clareira à sua inteligência e, ora lendo os jornais, ora mergulhando a atenção nos assuntos políticos, vai despertando em si um interesse que o encaminha para a adopção duma cultura que havia de ser a base dos empreendimentos fortes do seu talento são e equilibrado. A sua vontade acorda e a sua inteligência toma directriz depois que em 1847 a agitação nacionalista da Noruega ansiosa de se libertar da influência dinamarquesa, toma um carácter violento que não exclui um fundo grande de doutrinação. Cérebro gigante na aspiração indomável da felicidade humana, influenciado pelos escritos do poeta nacional Petefi que sacode a Hungria num estremecimento formidável, Ibsen escreve páginas heróicas. Ensaíara o voo, ninguém podia já detê-lo. No período que decorre de 1848 a 1849 produz o seu primeiro drama *Catilina*. A convulsão histórica que se operava na Hungria e ameaçava estender-se, sacode decididamente o seu ânimo e, já na Universidade, acamarada com Björnson, Vinje e Botten Hansen, satirizando e comba-

tendo erros que à sua sensibilidade moral repugnam. Começa a formar-se a sua consciência literária e filosófica depois que os seus olhos ávidos leem Shakespeare, Schiller e Goethe, Kerkegaard e Kant. As suas tendências francamente patrióticas originam os dramas *Dame Inger d'Oestroat*, *Fête à Solhang*, *Guerriers de Helgeland* e *Prétendants à la Couronne*, evocação da Noruega cavallheiresca e lendária. Esta época, em que o seu espírito se apoia numa quietude admirável, extática, foi iluminada pelo seu casamento. Ibsen não atravessou de modo algum um período de hesitação, de desfalecimentos, foi ele antes um recolhimento íntimo em que a sua alma se predestinava a alturas mentais de que haviam de surgir estranhas e fulgurantes, mordazes e sentenciosas, algumas das obras primas do teatro do fim do século XIX.

A *Comédia de amor*, que abre a série, é um sorriso contundente em que, no critério de Maurice Bigeon, se faz uma pintura indulgente e espiritualmente filosófica da situação singular a que uma sociedade defeituosa condena a paixão. Desde então, considerado está Ibsen como um irreverente. O arrojo da sua concepção, o desassombro dos seus pontos de vista são vergastadas que difficilmente se dissipam.

O dramaturgo segue na produção admirável da sua estupenda obra dramática, que em 1865-1866 se inicia definitivamente com *Brand*. O escritor, na sua peregrinação mental pela Itália, Dresde e Munich, cria com a influência das suas doutrinas dramático-político-sociais o que, na corrente literária de então, se denominou o "ibsenismo", que era ao mesmo tempo um corpo de doutrina filosófica e uma rajada de devoção pela obra do Mestre. O ibsenismo assentou em duas modalidades palpantes de análise e de combate o negativismo da sociedade de então e de afirmação renovadora dum novo estado de coisas.

Estende-se, dilata-se, toma corpo, explende o espírito crítico do grande homem de teatro nas suas produções para a scena, onde passam às vezes, fórmulas prematuras, princípios antecipados que mais tarde haviam de tomar um robustecimento extraordinário! O problema do amor e o convencionalismo das alianças matrimoniais merecem-lhe um estudo, uma observação de essência e de carácter que a sua acuidade psíquica destriça com um maravilhoso poder de síntese, criando e desfiando simultaneamente. A obra de Ibsen é principalmente uma obra de especulação racionalista. Os problemas por ele dissecados não são simplesmente enunciados, postos com prudência, pelo contrário, o instinto escalpelizador de quasi todas as suas peças reside numa íntima aspiração de regeneração moral e mental e procede dum estado de alma pré-



(Desenho de Tagarro)

viamente aperfeiçoado pela destriça constante de ideias, pelo movimento ordenado e isocrono de raciocínios aturados e reflectidos.

Portugal conhece da representação nos seus teatros, ou por companhias estrangeiras ou por nacionais, *Os espectros*, *A casa da boneca*, *O inimigo do povo*, *O pato bravo*, *Hedda Gabler*, *O pequeno Eyolf* e creio que mais nada. Mas, essa pequena galeria arrancada à enorme produção ibseniana basta a formar juízo da magnitude do seu formoso trabalho dramático. Pode-se afirmar que essa obra é eterna pela grandeza dos seus conceitos filosóficos e pela especial expressão literária que reveste, completamente incomparada em finalidade com a obra de qualquer outro homem de teatro.

Ibsen, que morreu a 23 de Maio de 1906, com setenta e oito anos incompletos, escreveu durante quarenta e nove anos, além dum volume de poesias — *Digte*, vinte e duas peças, das quais a última foi *Naar vi Døle vaagner* (em norueguês) que os franceses traduziram para *Quand nous nous réveillerons d'entre les morts*.

Não houve uma dor humana que ele não collocasse sob a sua inteligência forte e a sua alma discriminadora de paixões. A obra de Ibsen é, d'este modo, um vastíssimo laboratório de ideias, um cadinho inequalável de sentimentos que o seu talento poz de pé para que fôsem bem vistos e analisados à luz da razão e do amor. Para os latinos, e mórmente para nós, meridionais, a grandeza dessa obra nem sempre pode tomar as proporções que o temperamento e as condições étnicas não deixam projectar nitidamente. Mas a exacerbação das paixões, este estado de sub-consciência que na nossa índole aflora tantas vezes, pelo embate do sofrimento e pelo exercício da mentalidade, tornam possível a vibração da nossa sensibilidade perante o génio cuja memória altíssima toda a Noruega e com ela o mundo culto celebram na comemoração centenário-natalícia de tão estupendo vulto da literatura dos tempos modernos. Foi em 20 de Março de 1828 que nasceu esse homem de força e de acção atormentada até à morte pela dolorosa aspiração ao ideal, na frase feliz de François Cruey.

NOGUEIRA DE BRITO.

FESTA DE HOMENAGEM AO BRASIL

REALIZADA PELO ORFEÃO ACADÉMICO
DE LISBOA À PARTIDA DO DR. LEMOS
BRITTO A BORDO DO «RUY BARBOSA»

A bordo da bela unidade do Lloyd Brasileiro, o paquete *Ruy Barbosa*, onde o director da agência daquela Companhia, sr. Artur Pinheiro Guimarães, e o comandante daquele vapor, sr. Tiago de Figueiredo, foram da mais cativante gentileza para com todas as pessoas que ali acorreram, obsequiando-as com várias bebidas na grande sala de jantar e uma taça de «Champagne» à Imprensa, nos aposentos do comandante—organizada pelo Orfeão Académico de Lisboa, realizou-se no passado dia 10, por motivo do regresso ao Brasil do dr. Lemos Britto e esposa, uma homenagem ao Brasil e ao dr. Octávio Mangabeira, na pessoa daquele illustre juriconsulto, orador e publicista, que em Portugal fêz quatro brilhantes conferências e deixou as mais gratas recordações.

O vasto salão de refeições do *Ruy Barbosa*, completamente cheio, apresentava um soberbo aspecto! Na presidência o sr. Embaixador do Brasil, dando a direita a Madame Lemos Britto, dr. Rodrigues Pereira, representando o ministro dos Estrangeiros, dr. Lafayette de Carvalho e Silva, conselheiro da Embaixada, comandante do *Ruy Barbosa* e os representantes da Ordem dos Advogados e do consulado brasileiro; à esquerda, a sr.^a Embaixatriz, D. Carlota Cardoso de Oliveira, dr. Lemos Britto, Madame Lafayette de Carvalho e Silva e dr. Franklim de Almeida Lima, e representante do Club Brasileiro.

Em lugares de destaque sephoras da nossa melhor sociedade, entre elas algumas escritoras, muitos escritores e jornalistas.

O Orfeão formou na sua totalidade à entrada da sala, sob a presidência do tenente dr. Gomes dos Santos e a regência do maestro e professor sr. Hermínio do Nascimento.

Pedida vênua ao senhor Embaixador, o dr. Gomes dos Santos orou eloquentemente, afirmando a gratidão do Orfeão pelo acolhimento que o Brasil, há anos, lhe dispensou, e enaltecendo a acção do dr. Washington Luís e do dr. Octávio Mangabeira, Chefe de Estado e Chanceler do Brasil, aos quais o Orfeão saudava na pessoa do dr. Lemos Britto, que tão alto acabava de dignificar o Brasil entre nós. A assistência cobriu de aplausos o orador, e o Orfeão cantou magnificamente o hino brasileiro. O estudante Jacinto Cutelheiro e Alcântara Carreira, recitaram poesias suas, dedicadas ao Brasil, ouvindo muitas palmas.

Ergueu-se então o dr. Lemos Britto, produzindo um discurso improvisado, que arrebatou a assistência, do qual não nos é possível, sequer, dar um resumo, fazendo-lhe os presentes, de pé, uma extraordinária manifestação!

O Orfeão, com o máximo brilho, entoou a *Portuguesa*.

Parecia terminada a festa, quando, muito instado, se obteve do senhor Embaixador do Brasil, que S. Ex.^a falasse.

O dr. Cardoso de Oliveira, que, além de eminente diplomata, é um brilhante escritor e orador, cultor exímio da nossa língua, fêz um curto, porém magistral discurso, terminando por declarar que ia imediatamente transmitir ao seu Chefe, dr. Octávio Man-

gabeira, ministro das Relações Exteriores do Brasil, a descrição daquela homenagem, que muito agradecia, bem como todas as outras que até ali tinham sido prestadas ao dr. Lemos Britto, o que suscitou uma enorme ovação.

A seguir, foram obsequiados todos os presentes, pelo director da agência do Lloyd e pelo comandante do *Ruy Barbosa*, como acima referimos.

Pouco depois soava o sinal de partida e o Orfeão retirava aos vivas ao Brasil, ao dr. Washington Luís, ao dr. Octávio Mangabeira e ao senhor Embaixador, ao que o dr. Cardoso de Oliveira e dr. Lemos Britto correspondiam, do tombadilho, com vivas a Portugal e ao Orfeão, o que produziu também bellissimo e comovedor effeito.

O dr. Lemos Britto e esposa tinham sido conduzidos a bordo no automóvel da *Ilustração*, guiado por um dos directores, João da Cunha Eça, e seguido por muitos outros carros com os representantes da direcção do *Diário de Notícias*, sr.^{es} Gomes Barbosa, de Sousa Fonseca, de Alcântara Carreira, Ivon Costa, Alves Cardoso, D. Emilia de Sousa Costa, D. Violeta de Alcântara, D. Elena Belo Correia, D. Estela Nobre e muitos amigos e admiradores do illustre casal, a quem a *Ilustração* deseja felicíssima viagem.

Queremos deixar aqui arquivados um gesto e palavras delicadíssimas do dr. Lemos Britto:

Quando veio tomar o vapor a Lisboa, foi casualmente companheiro de viagem de Carlos Bleck, do Entroncamento para cá, e ofereceu ao bravo aviador uma taça de *Champagne*, bem como a todos os que vinham no salão do *Sud*; e, comovedoramente, brindou, dizendo que Carlos Bleck não chegara aonde pretendia por ter partido com destino errado, pois que o destino dos portugueses que voam de Portugal deve ser o Brasil; e afinal Carlos Bleck sempre ao Brasil fóra ter naquele salão do *Sud*, aonde o estavam saudando dois corações brasileiros.

Carlos Bleck agradeceu, emocionado, e no dia seguinte foi oferecer ao dr. Lemos Britto e senhora, o seu retrato com a mais grata dedicatória.

ALCANTARA CARREIRA.



A bordo do «Ruy Barbosa» durante a homenagem ao Brasil

A L E L U I A !



Foi na manhã d'êste dia que Maria Madalena, a grande pecadora que o amor divino resgatou das penas eternas, de visita ao túmulo de Jesus Cristo, o achou vazio.

Li a obra de Renan sôbre a vida de Jesus e seus Apóstolos, e, se a minha razão esclarecida pelos livros, folheados com ânsia de saber, me indica o lado profano dessa desapareção do corpo do Filho de Deus, o meu coração, onde vive sempre moça a crença, be-

bida no seio de minha mãe, prefere encará-la pelo seu lado religioso.

Cristo, depois da morte cruciante, no madeiro tosco que é para nós o emblema da fé, ressuscitou e subiu aos céus, a pedir a Deus compaixão pelos espiritos transviados.

O martírio do seu calvário deve ser-nos resignação, para suportar a cruz, mais ou menos pesada, que arrastamos pelo mundo.

Ele sofreu o escarneo e a dôr, teve duas

torturas, as mesmas, moral e física, que nos esperam, ao nascer, em desventuras e enfermidades.

Quando a nossa alma estalar de mágoa ou o nosso corpo se estorcer com dôres, lembremo-nos de que Jesus sofreu muito mais, sem um queixume, e tudo nos parecerá menor.

Ele lá está nas alturas, pedindo a Deus por nós. Louvemos o seu santo nome e tenhamos esperança. MERCEDES BLASCO.

LIVROS E ESCRITORES

Muito receamos que o título de *Crônicas Científicas* aposto pelo sr. dr. Ferreira Mira num seu livro recente produza na maioria do público leitor efeito semelhante aos dos espartalhos nas searas, à vista dos quais a gulosa pardalada e mais algera companhia desiste de fazer por ali seu repasto. E que, para o vulgo, ciência é coisa massada, de interesse apenas para os técnicos e mais meia dúzia de curiosos. Desta maneira esquece-se que os conhecimentos científicos regulam hoje todos os actos da vida,



Gomes Ferreira

principalmente nas sociedades civilizadas, e que ciência, no fim de contas, existe ainda nos mais comzeinhos aspectos da natureza, partindo daqui a sua escala, para ir atingir os mais transcendentales problemas. Cientistas, em suma, somos todos mais ou menos, pois a ciência está para cada um de nós como a prosa estava para aquele bom Monsieur Jourdain, de Molière, que a fazia há quarenta anos sem sequer dar por isso.

No livro do sr. dr. Ferreira Mira, que os leitores da *Ilustração* muito de perto conhecem, através da sua sempre interessante secção «Vida científica», aqui mantida desde o número primeiro, em vez duma matéria árida e esotérica, destinada só a estudiosos, o que há é uma leitura acessível a toda a gente, ligeira, amena, explicando-nos a origem de muitas e variadas coisas com que estamos em contacto diário. E para que os leitores desta revista, ou melhor, as leitoras, não se capacitem de que tal livro exclui interesse para elas, aqui mencionamos alguns dos seus cincoenta assuntos: o luar, as pérolas, as aves, as abelhas, a primavera, os beijos, o feminismo, as plumas. Filho duma inteligência superior, vastamente culta, para empregarmos as justas palavras do sr. dr. Brito Camacho no antelôquio da obra, esta merece ainda salientar-se pela pureza, concisão e brilho natural do seu estilo. Livro que ensina e entretém, êle pode ser apontado como modêlo a todos que abordem algum dia a divulgação científica.

Que admirável coração de poeta a gente ouve bater sob as três ou quatro dezenas de aforismos que, à maneira de suplemento a uma sua obra de há anos, Bourbon e Meneses enfeixou agora na plaqueta *Novos soliloquios espirituais!* Ao contrário de tantos outros que cultivam o género gômico, adulterando-o, pois, quando muito, empacotam quatro ou cinco pensamentos de valor entre centenas de banalidades, — nesta pequenina obra nem uma única das suas sentenças ou meditações é de jeito a deitar fora. Extraímos aqui e ali: «O grande baptismo é o das lágrimas choradas na solidão» «O amor conjugal é como a escada de Jacob. Para que chegue ao céu basta que o sustentem os anjos. Os anjos são os filhos».

De propósito escolhemos êste segundo: em tôdas estas páginas aflora um profundo, um enternecedor affecto paternal. E como nos aparece cem vezes mais humano êste amor do autor por seu filho do que a paixão estética de d'Annunzio ao afirmar que de bom grado destruiria um povo inteiro para salvar um só friso que fôsse do Parthenon!

Luís de Oliveira Guimarães tem publicado um livro novo: *O Diabo, mestre de dança*. Com-

posto, como os anteriores, de crônicas e diálogos, no seu recheio vamos encontrar o talento risonho, amigo do paradoxo, brilhantíssimo, fútil, que sempre tem distinguido o autor. Há aqui uma enfiada de *boulades*, de ditos irónicos, de trocadilhos, fazendo a caricatura amável dos tempos hodiernos. Destacamos, dos seus trechos, por mais certas no comentário, por melhor observadas, as crônicas *Os Ingleses, Calças e Salas, Psicologia Feminina, As ideias de Sóror Bébé*. Em suma, cem páginas que são remédio infalível contra o enfado.

Nos três volumes dos *Trabalhos Forçados* dêsse grande pioneiro da democracia que foi João Chagas, obra há pouco saída na edição definitiva, além de dados abundantes e exactos para a história do ideal republicano em Portugal e da política dos derradeiros dias da monarquia, abundam as páginas de colorido impressionista, como sejam aquelas em que o autor nos pinta a paisagem africana, mirada por seus olhos durante o degrêdo a que, por ocasião do 31 de Janeiro, êle foi condenado. Três volumes, num total de setecentas páginas, — à sua vista o leitor de hoje hesita, porque mais lhe serve a leitura rápida. E, todavia, salvo se se tratar dum espírito em extremo volúvel, se a leitura se enreta vai até ao fim, sem cansaço nem sombra dêle, tal o vigor dessa prosa e tão impressivas são as memórias que ela veste, donde saem figuras e acontecimentos com toda a pujança da realidade. Capítulos há ali que se lêem com a curiosidade que despertam as melhores novelas de aventuras. Assim as que nos falam do ambiente das conspirações, da fuga do degrêdo, das entradas clandestinas de João Chagas no país, etc.

Mário Domingues está adquirindo um brilhante lugar na fila dos nossos novelistas. Já no livro *Entre vinhedos e pomares* mui vigorosas disposições para o género êle evidenciára. Mas essa novela está para esta como a luz auroral para a claridade do sol que já esprieton acima do horizonte. Aqui, na novela que há semanas trouxe a lume e se intitula *Anastácio José* (Primeiro Marquês de Santa Clara), o novelista deixa perfeitamente destacar o seu perfil e faz ouvir a firmeza dos seus passos. Nessa centena e meia de páginas, que simulam um extenso discurso de elogio fúnebre proferido por um membro da Academia em memória dum consócio, ilustre, sobretudo, pela sua acção como colonial, Mário Domingues, com esplêndida naturalidade, sem jámais acarvoar a caricatura, vai biografiando uma falsa celebridade, cujo modêlo vivo não é difficil descortinar na sociedade portuguesa contemporânea. Há quem nos diga ao ouvido que muita injustiça se mistura à arte literária com que a obra foi construída. Talvez. Mas como só desta nos cumpre curar, temos de conceder-lhe francos elogios: há equilíbrio em toda ella, a intenção sobressai e a linguagem, pela sua sobriedade, é a própria.

Alípio Rama, poeta que há pouco tivemos ocasião de louvar, transferiu agora suas armas e bagagens para o campo da prosa. Com igual fortuna? O seu livro presente, *Terra Bárbara*, que, passado o pórtico do prefácio, compreende cinco novelas, agradou-nos mais não nos fez esquecer o seu mérito como cultor da arte rimada. Pareceu-nos ntê que a sua prosa carece um tanto de virilidade, devido à influencia do pendor poético do autor. Aquêle prefácio, por exemplo, perdõe-nos Alípio Rama a franqueza, é amaneirado, e... mesmo pedante. É um pórtico de estilo barroco. Porém, a verdade diga-se: nas novelas muito se aproveitava. *Pelo cantar das Janeiras* e *E tudo o fogo queimou* valem como tal e são mesmo a parte do livro onde o poeta que Alípio Rama tem instalado no seu íntimo consentiu mais em manter-se alheio ao que êle tentára fazer no campo da prosa. Há muito de aproveitável, sim, nessas novelas: por exemplo, o desenho das figuras, o pitoresco da linguagem, o desenrolar da acção. O diabo é de quando em quando o lirismo entrar por ali dentro, por aquêles quadros que se presumem rudes, e entrar a falar

pelos cotovelos... Noutro livro de prosa já Alípio Rama há-de ter maior cuidado com o excesso lírico que nêste lhe prejudicou os intentos, na maioria das páginas. E então Alípio Rama cantará victorioso no poleiro da novela como já hoje canta vitória no da poesia.

O homem continúa a ser lobo do homem. Há conferências da Paz, propõe-se mutuamente as nações reduzir seus armamentos, mas o certo é que cada uma delas não deixa de ampliar e modernizar seus instrumentos de defesa, para o caso de sentir de um momento para o outro o visinho a forçar-lhe as portas. Por isso, por mais que nos deliciem os sonhos dos cândidos pacifistas, os homens que nos vemos falar da guerra não nos surpreendem muito, e ainda menos nos indignam. Matens Moreno, que é, aliás, um espírito afeito ao sonho, pois como poeta tem um nome a citar entre os da nova geração, interessa-se também, e muito, pelos problemas militares, carreira que seguiu. O seu último trabalho publicado trata da *Nova guerra e a Artilharia*, e se nos seus aspectos técnicos nos deixa, a nós crônistas, que do officio guerreiro nada percebemos, quasi na situação dum analfabeto perante um verso de Horácio, no que êsse livro arrisca em profecia dum novo e grande conflito e da acção primordial que nêle competirá à arma de artilharia já o caso muda de figura: dos versos de Horácio raros dão tento, mas do estampido das granadas ninguém se livra, salvo os surdos, e nem todos.

Gomes Ferreira, espírito delicadíssimo de poeta que demora hoje entre as brumas nórdicas, acaba de dar-nos um grande prazer com a leitura da segunda edição do seu livro de sonetinhos *Longé*. Há dentro dêle um coração em verso, para empregar uma frase do próprio autor. Os motivos são belos, o ritmo perfeito. Gomes Ferreira, evitando a pieguice e a fúria patrioteira, canta nos seus versos as alegrias do lar e as belezas da terra natal, ferindo sempre notas muito humanas, sobretudo na *Escação do Bêrço*, para nós a parte cimeira da obra.

Como recensar com pontualidade e minúcia todos os livros de versos que nos visitam, se êles são tantos e, na maior parte dos casos, se confundem? Duas palavras, portanto, sobre cada um dos que temos agora na nossa frente. *Dolor*, de abundante texto e apresentação luxuosa, em que o sr. Sousa Machado nos dá larga prova de quanto lhe é fácil e agradável a escrita em verso, pois toda a gama do lirismo se encontra ali representada. Releiam a obra as suas illustrações, muitas assinadas por artistas ilustres, como António Carneiro, João Augusto Ribeiro, etc. *Cantigas que a gente*



Mateus Moreno

canta e *Do meu cantar*, dois graciosos livrinhos de quadras, equivalentes na inspiração, um do sr. Vasco de Matos Sequeira, outro do sr. Virgílio Amaral, aquele com prefácio de Silva Tavares, poeta que o nosso povo já consagrou, perfilhando-lhe um sem número de trovas lindas, segundo com vinhetas do próprio autor, muito felizes no seu gôsto simples. *Leão Encanto*, de António Pedro, que documenta um espírito poético digno de nota: as quadras de sabor popular são as melhores parcelas do volume.

FIGURAS EXCÊNTRICAS DA NOSSA TERRA

O "CUSTÓDIA,, DA "SEVERA,,

FALA E CANTA PARA O REDACTOR
DA «ILUSTRAÇÃO» O OUVIR

Já alguém afirmou — e com muito acerto — que a Vida parece apostada em copiar a Arte. Este Carlos Augusto Proença, que dá pela alcunha de *Bife*, é um plagiato flagrantíssimo do *Custódia*, da *Severa* de Júlio Dantas. Podia ter servido ao ilustre escritor de modelo admirável para uma das personagens mais características da sua famosa peça.

Foi um amigo quem no-lo apontou, uma noite, e nos proporcionou o ensêjo de escutá-lo com prazer.

O *Bife* é uma figura inconfundível. É um velho fadista em decadência. Foi forte noutros tempos. Hoje, a doença — uma paralisia parcial — que lhe imobilizou quasi o lado esquerdo do corpo, arremessou-o para a miséria.

Deixou o seu bairro predilecto — a Mouraria onde nasceu — e refugiou-se num quarto menos do que modesto na rua da Trombeta, no Bairro Alto.

A sua conversa, a despeito da falta de alguns dentes que lhe produz uma pronúncia esquisita, cheia de *ss* sibilados, não é desagradável, principalmente quando recorda saído os seus bons tempos da Mouraria. Teve os seus amores, as suas pândegas, as suas boémias, com esperas de touros na calçada de Carriche, e cantigas garganteadas em balucas célebres, como a do «João da Amêndoa» e a do «Manuel do Jôgo».

Conserva ainda fielmente alguns dos seus hábitos antigos, entre eles, o de beber logo de manhã uma bebida a que dão o nome de *pardal*. Para o *Bife* da Mouraria os *pardais* são melhores de beber do que de comer... O *pardal* é produto de uma composição química: um decilitro de vinho branco e outro de abafado. Chega a ingerir seguidos dezasete *pardais*, sem se embriagar, transformando assim o estômago numa autêntica «gaiola».

Fala com saúde de uma mulher, a *Zuca*,

por alcunha, Margarida, por nome de baptismo. Foi a sua mulher ideal, a preferida, a sua *Severa*. Era uma mulher de armas, capaz de jogar à pancada com os homens, levando sempre a melhor. A coragem dessa mulher constitui a mais doce recordação de *Bife* da Mouraria. Ainda hoje, tantos anos decorridos, ao evocar a valentia da antiga companheira, Carlos Proença, fica-se de olhar



CARLOS AUGUSTO PROENÇA
(o antigo cantador de fados)

vago, a fitar o passado, o passado que não volta, o bom tempo em que ele era forte e jogava as boas com os janotas que apareciam no seu bairro a fazer pouco da rapaziada fadista.

Quem eram os seus companheiros predilectos? Eram outros, talhados à sua imagem e semelhança, homens valentes que há vinte ou trinta anos foram célebres em Lisboa: o Júlio das Queixadas, o Espanhol das Rendas, o Zé Coxo, o Moreno Sapateiro.

— Aquilo é que eram homens! — dizia-nos

Bife, há dias, depois de beber de um trago dois decilitros de vinho tinto. — O Zé Coxo era coxo, mas ninguém fazia nada com ele. Onde deitasse a mão, pertencia-lhe!

Não há possibilidade de reproduzir a linguagem de *Bife*. É pitoresca e tem alguns estribilhos. O que ele repete a cada passo: «Lógico e positivo». A propósito e despropósito de tudo exclama:

— Lógico e positivo!

— Você gosta de fados, sr. Carlos? — perguntámos-lhe.

E ele respondeu, sem uma hesitação:

— Lógico e positivo.

— Você teve muita pena da sua *Zuca*?

— Lógico e positivo — responde ele.

— Você quer beber mais um copo de vinho?

— Lógico e positivo...

E bebeu. E o vinho animou-o. Começou a falar com mais entusiasmo. E, como o diálogo decorria numa taberna do Bairro Alto, não foi difícil encontrar uma guitarra para acompanhar a péssima voz do *Bife*. Tem má voz mas canta com sentimento. As pessoas fáceis de comover, escutando-o, podem sentir inadvertidamente as lágrimas indiscretas espreitando ao canto dos olhos.

Se está inspirado, *Bife*, que o Bairro Alto inteiro conhece e de quem por vezes troça cruelmente, fala em verso. Não falha uma rima. Mas é necessário que esteja inspirado. A sua melhor inspiração... é o vinho, os *pardais*, principalmente.

Reproduzimos, para que os leitores apreciem o género da sua poesia, algumas das suas melhores quadras, quadras que ele cantou ao som dolente e meigo da guitarra:

*Sobre esta guitarra eu juro
A fé de um grande baillão
Hoje em dia ser fadista
Vale mais que ser barão.*

Outra quadra interessante, que a imagem de Zuca, a sua inolvidável Zuca, decerto inspirou:

*Dá-me a conhecer a côr
Do teu colo azeludado,
Pede tudo, a própria vida,
Que dar-la hei de bom grado.*

Bife também tem graça, uma graça natural, sem artifícios, que bem se coaduna com o seu carácter folgazão e franco. Eis uma quadra em que êle cultiva o cómico com certo geito:

*Tenho um catarro nos dentes
Um troçoelho na barriga
Um unheiro no nariz
E não vejo da bexiga.*

O que nos fazia espécie nêste Carlos Proença, que o acaso nos levou a conhecer, era a sua alcunha. Porque lhe chamavam o *Bife*?

— Lógico e positivo — respondia êle. — Quando era pequeno e morava na rua do Capelão, minha mãe mandava-me muitas vezes ao talho comprar um bife para o meu pai. Os gaiatos da minha idade perguntavam: «Onde vais, ó Carlos?» «Vou ao talho comprar um bife», respondia eu. E tantos bifes comprei que fiquei sendo o *Bife*, o *Bife da Mouraria*.

Também achamos lógico e positivo, enquanto Carlos Proença já contava um episódio de espera de touros, em que êle só teve tempo de se atirar ao chão para se salvar e à sua guitarra linda, uma guitarra a que êle tinha muito amôr, a sua guitarra, que os dias difíceis de miséria levaram a uma casa de penhores onde ficou, coitada...

Um velhote que, junto de nós, escutava embevecido o nosso diálogo, não pôde deixar de proferir em voz saudável:

— Aquilo é que eram tempos! Lembras-te, *Bife*, das boas pândegas na Perna de Pau?...

E quedou, por momentos, silencioso, todo concentrado na sua paisagem interior — que era a quinta verdejante da Perna de Pau, muito poética ao entardecer, as couves alinhadas como exércitos, as árvores de fruto

empenachadas de flores, a colina fronteira beijada pelos derradeiros raios de sol, a nora gemendo uma melopeia amarga, lá ao fundo...

O velhote ainda falou, em voz baixa, para evocar a antiga proprietária da quinta, uma velha, muito velha, que foi ferida naquele local pelos soldados de Napoleão, por ocasião da invasão francesa. Há quanto tempo isso foi! Já lá vai um século...



O «Custodia», o derradeiro fadista, cantando os seus improvisos

O *Bife* não chegou a conhecer essa mulher. Êle, que se considera velhò, já não é dêsse tempo, que também era bom tempo, porque a época das pessoas mais idosas é e será sempre a melhor.

Então, não existiam automóveis. A tipoiã era o luxuoso transporte e a vida decorria mais lenta para se saborear com mais prazer.

Temendo deixar-se vencer pela nostalgia que pairava já sòbre a nossa cabeça, como a sombra violeta do crepúsculo sòbre as hortas e retiros de antanho, Carlos Augusto Proença arremessou, num gesto decidido, uns restos de vinho à garganta sequiosa, tornou a encher o copo e disse:

— Estive há dias na «Perna de Pau», no velho retiro.

— Está vasio, deserto... — dissemos, conta-

giados pelo pessimismo saudável dos circunstantes.

— Qual vasio, nem meio vasio! — exclamou o antigo fadista. — Estava cheio, o que é pior...

E ante o nosso assombro, lamentou em tom amargo:

— Mas quem lá entrasse já não conhecia aquilo. A porta, não se viam senão automóveis, *taxis*, ou como diabo se diz agora... Os

chauffeurs, todos janotas, vi-nham beber copinhos ao balcão, por conta dêles. Não tinham ordem de se misturar com os patrões, como os cocheiros da velha-guarda, que abancavam à mesa dos fidalgos. O *Lagarto* (cochêiro muito conhecido que faleceu há pouco tempo) se fôsse vivo, é que poderia dizer o que era a gente fina de há anos...

Sorveu uma golada do «pardal» e prosseguiu, pessimista:

— Sabe o que eu ouvi agora na «Perna de Pau»? Imagine lá o que havia de ser... Ópera, meu amigo, estava lá um «tipo» a cautar ópera! Deu-me ganas, sei lá de quê?... De corrê-lo a pontapé. Lembrei-me do meu fado, dos bons fadistas, da minha *Zuca*, coitada, que se onvisse aquilo até lhes largava umas das dela... Depois, depois... tive vontade de chorar.

E bebeu mais um «pardal».

E nós pensámos que a vida, na sua evolução constante, é cruel, desumana, impiedosa, para os que ficam amorosamente abraçados à tradição.

Pobre *Bife*, cujo espírito simplório e generoso, quedou nos fins do século passado!

O *Bife da Mouraria*, que acompanhou fidalgos, que teve a sua aurora, os seus amores, a sua vida romântica de boémia, vive agora de fazer recados. Não é um desordeiro, pelo contrário, é humilde e delicado no trato. Ainda amigo do fado, do bom vinho, do peixe frito com salada, das pândegas nas hortas, a vida para êle é apenas uma saudade, uma grande saudade dos velhos tempos em que, na sua linguagem pitoresca, «dava os bons dias» na Mouraria, como era lógico e positivo. MÁRIO DOMINGUES.

A CASA PORTUGUESA



PALACIO DAS LARANJEIRAS LISBOA

PROPRIEDADE DOS SRS. CONDES DE BURNAY

ESTA MAGNÍFICA RESIDÊNCIA FOI FUNDADA PELO 1.º BARÃO DE QUINTELA, SEGUNDO O RISCO DE SEU TIO PADRE BARTOLOMEU QUINTELA, DA CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO, LOGO APÓS O TERRAMOTO DE 1755. O 2.º BARÃO DE QUINTELA E CONDE DE FARROBO FEZ-LHE MUITOS MELHORAMENTOS E MANDOU ALI CONSTRUIR EM 1820 UM TEATRO ONDE SE DERAM GRANDES FESTAS A QUE, POR VEZES, ASSISTIRAM AS PESSOAS REAIS. HAVIA ALI TAMBÉM UM SALÃO DE BAILE TODO FORRADO DE ESPELHOS. NESTA EDIFICAÇÃO FOI INTRODUZIDA A ILUMINAÇÃO A GÁS EM 1830, O QUE ERA DE GRANDE NOVIDADE PARA O TEMPO. EM 1862, PORÉM, ARDEU O TEATRO E NÃO FOI AINDA RESTAURADO



EM 1874 FOI O PALÁCIO, COM SUA QUINTA, ADQUIRIDO EM BASTA PÚBLICA PELO DUQUE DE ABRANTES Y LIÑARES A QUEM PERTENCEU TAMBÉM O PALÁCIO DA JUNQUEIRA (HOJE IGUALMENTE PROPRIEDADE DOS HERDEIROS DO SR. CONDE DE BURNAY). É MUITO SIMPLES A FACHADA SOBRE A ESTRADA. MAS DO LADO DA QUINTA, COM SEU GRANDE TERRAÇO ORNADO DE ESTÁTUAS, SUAS PAREDES CÔR DE ROSA E TERRES GELOSAS, CONSTITUI O PALÁCIO COM OS JARDINS DE BUXO QUE O RODEIAM, NOBRE E DELICIOSO CONJUNTO

(Por lapso se omitiu dizer, no nosso último número, que a Casa da Picota é propriedade dos srs. Condes de Marco).

CINEMATOGRAFIA

NOITE DE NÚPCIAS

triunfadora em todos os écrans do velho mundo, e não tardará, infelizmente, que os americanos a subornem, à força de dolares, raptando para os seus elencos, a única estrela que hoje faz empalidecer a maioria das «star» yankees. Entretanto, Lily Damita continua a dispersar, pródigamente, o seu verdadeiro génio cinegráfico, por muitos, muitos filmes, dos quais, um dos mais modernos



A princesa Nadia
leva uma vida de
martírio...



A princesa amou o grande poeta...



A princesa viuva, liberta da sua escravidão...

COMPATRIOTA BOSSA ou não, o que é certo é que Lily Damita é hoje, no cinema europeu, a figura que mais atrai a atenção. E a verdade é que o merece. Poucas artistas europeias terão, como ela, uma tão requintada elegância, uma máscara tão subtilmente emotiva, uma graça de maneiras e de atitudes tão completa, uma beleza plástica tão perfeita. A Lily, bonequinha mimada do cinema, é uma grande



Nadia decidiu-se a tudo, movida pelo amor...

e mais belos é, sem dúvida, «A noite de nupcias, adaptação duma novela inglesa de Noël Coward e que a fulgurante estrela interpretou ao lado de Paulo Richter e Harry Liedtke, dois grandes artistas alemães, sob a direcção de Graham Cutts.

Éis o argumento desta produção cinematográfica.

...

A princesa Nadia, esposa do herdeiro dum trono, algures, leva uma vida de martírio, pois seu esposo é violento e brutal. Mas o herdeiro, vítima dum desastre, morre inesperadamente e a linda princesa viúva, liberta da escravidão conjugal, foge do lugubre reino perdido nas montanhas, e vem para Paris. Ali, incógnita, leva uma vida de alegria desenfreada, de loucuras e de dissipação, desforra de tantos anos tristes em que se lhe ia consumindo a mocidade.

Mas um dia, o amor espregueira a leviana

mulher e fere-a com uma das suas setas envenenadas. É o escritor Sabino Pascal o eleito e o moço literato entra de amar também doidamente a sua desconhecida, que uma noite lhe apparecera, como num sonho. Entream-se relações e chega-se a um projecto de casamento, mas surge o inevitável. O sogro de

Nadia morreu e os partidários decidem oferecer a coroa a Nadia que recusa por desejar viver para o seu amor. Mas uma série de ardis a levam ao seu reino e a razão de Estado lhe impõe o casamento com o príncipe Keri de Zalgar.

Este também esmagara no peito uma paixão para obedecer às convenções dinásticas e assim o confessa lealmente à princesa Nadia.

No dia do casamento, tentam matar a nova rainha, mas um desconhecido a salva. Chamado à presença da soberana o salvador, reconhece-se nele o apaixonado Pascal, que renova os seus juramentos de amor e pede à amada que, naquela noite de nupcias, tente o possível para lhe pertencer a ele e não ao príncipe Keri.

Nadia, lembrando-se das confidências daquelle que lhe deram por esposo, decide-se a ir falar-lhe e enquanto Pascal se esconde no quarto dela, dá-se a entrevista entre os dois esposos. Nadia confessa a verdade a Keri e este, como homem de coração, compreende e decide-se a anular o casamento que nenhum amor justifica. Nadia vai ser feliz, mas levanta-se no palácio um grave rumor. Um ajudante de ordens entra e exclama arrebatadamente: — Estava um homem, um anarquista decerto, no quarto da rainha. Foi morto imediatamente!

E assim supõe ter salvo a vida da pobre princesa que, na sua noite de nupcias, foi encontrar a morte do seu pobre coração. O trabalho de Lily Damita neste filme é verdadeiramente assombroso.

Tudo nela comove; o gesto cheio de delicada união, os olhos enormes, como dois mundos de dôr, a fereza com que começa a amar, o desespero da sua paixão sem espe-



O príncipe Keri compreendeu tudo...

rança, a tortura que há em todo o seu corpo coleante e serpentino, a páfida resignação com que consuma o sacrificio do seu bem-querer às conveniências, à felicidade do seu povo, o estoicismo com que encara o momento de revolta em que a sua vida periga, a alegria, a dôr e o espanto.

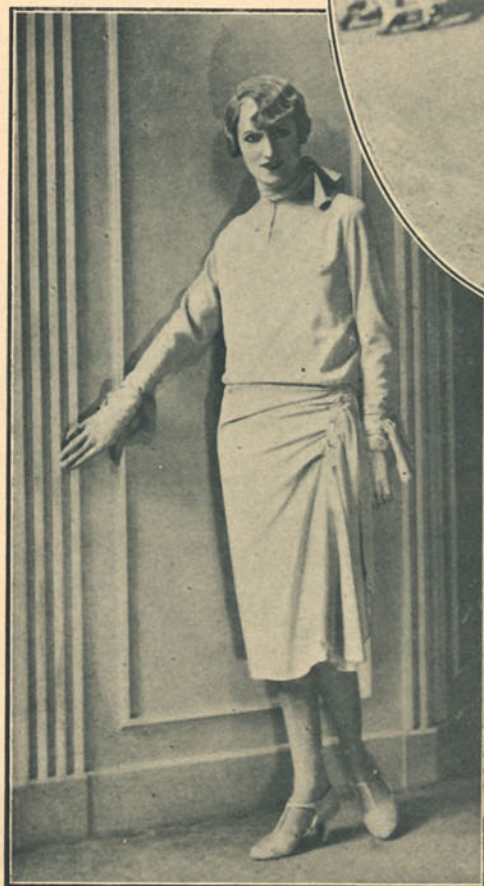
FEMININA

PRIMAVERA EM FLOR

NO MEDALHÃO, à direita:—Um delicioso penteados de cerimonia, em que a fronte é cingida por uma faixa de fio dourado e strass em desenhos curiosos e modernos. Criação da Casa Emile
(Foto H. Manuel).

NO OVAL, ao centro:—Os primeiros dias belos trazem os primeiros vestidos inteiros, cingidos às formas elegantíssimas dos corpos primaveris. Eis um modelo em tecido de fantasia bordado a séda em dois tons da mesma cor e desenho de barras
(Foto G. L. Manuel Frères)

EM BAIXO:—Uma criação de Magnin de recorte delicioso de originalidade, e executada em crêpe marocain voile de rose, sãa apanhada ao lado como os punhos e gola, com rosinhas do mesmo crêpe a ornar os apanhados
(Foto G. L. Manuel Frères)



A DIREITA:—Vestido em lamé, tule e pérolas azul, em três tons. Deliciosa criação parisiense dum encanto de linha extraordinário. Grande flor em veludo escarlate e púrpura
(Foto G. L. Manuel Frères).

NO MEDALHÃO, à direita:—Os chapéus de feltro resistem a todas as modas. Eis um delicioso feltro de Cora Marson, para a primavera e seus lindos dias. É aberto em caprichosos desenhos, deixando ver um fôrro de lamé prateado que contrasta delicadamente com o azul ferrete do feltro
(Foto G. L. Manuel Frères).



OS MÉDICOS NO ROMANCE PORTUGUÊS

(ESBOÇO DUMA CONFERÊNCIA)



Na comemoração festiva do Centenário da Régia Escola de Cirurgia, está já largamente feita a história, desde o ensino rudimentar da anatomia no Hospital de Todos os Santos. O Hospital de S. José, seu herdeiro directo, em sessão solene, com brilhantismo exalçou a data de abertura das aulas, a Faculdade de Medicina, no programa que decorre até ao fim do mês, celebrando, com os elementos de que dispõe, o centenário.

Tratada, pois, a parte histórica, versados em conferências científicas, por quem de direito, os problemas palpantes da arte de curar, no momento que atravessamos — ao ser convidado para vir aqui, com inteira liberdade na escolha do assunto, assaltou-me a ideia de conjugar este meu séstero de esgravatar nas letras com qualquer coisa ligada à minha profissão e que não destoasse do ambiente criado pela feição dominante das festas. Essa razão me levou a escolher para tema de palestra: *Médicos personagens de romances portugueses*.

Não tenho a ideia de os trazer a todos, nem a pretensão de esgotar o assunto, embora poucas sejam, na nossa literatura, as figuras de médicos postas em relevo. Estou longe de ter lido tudo que em Portugal se há escrito e do que hei lido, desejo ainda joear, a fim de pôr em foco só o que me pareceu marcante de caracteres, criador de tipos reais que ainda hoje se encontram espalhados pelo meio em que vivemos.

Entre nós, onde, a par de poetas magníficos, podemos contar admiráveis prosadores, contam-se, a dedo, os romancistas. No período luzente da literatura nacional que foi a segunda metade do século XIX, apenas um romancista conseguiu universalizar os seus romances de que as Américas latinas esgotam edições.

Refiro-me, evidentemente, a Eça de Queirós. É que o romance exige uma prática de cosmopolitismo que só pode dar quem aprendeu nas viagens.

No volume da *Correspondência*, recentemente publicado, numa carta a Ramalho Ortigão, datada de Newcastle, Queirós queixa-se de não poder pintar Portugal: «*Conveni-me, diz elle, de que um artista não pode trabalhar longe do meio em que está a sua matéria artística*». Todavia, são bem portugueses os seus personagens, observados aqui de passagem, realizados lá fóra, vendo-os bem em contraste com o meio em que vivia, evocando, na sua própria expressão, «*por um relesamento da reminiscência, a sociedade que está longe*». Eça foi o romancista português que mais, e com mais serena ironia, tratou dos médicos.

A título de curiosidade, num rápido apêlo à memória, encontro nos romances franceses médicos girantes em volta da acção: da autoria de Bourget recorde-me de *La Géole*, *Le sens de la mort* e *Le disciple*; Gustavo Flaubert vem com a *Madame Bovary*; Dumas (pai) tem as *Memórias dum médico*; Henri Barbusse no *L'Enfer*; Jour, de Paul Margueritte, etc., etc.

Isto só pelo que nos vem de França, cuja literatura é entre nós a mais lida por muitas e óbvias razões. Da literatura não quero deixar de citar de Guido de Verona o admirável livro que se intitula: *Le vita comincia domani*.

Como já tive ocasião de dizer, o romance português pouco, muito pouco, cura de esculápios, e à parte dois nomes que, em especial, vou tratar, e bem dão o fulcro do meu assunto, nada ficou de marcante nas minhas reminiscências.

Camilo Castelo Branco na vasta galeria das suas novelas onde aguilhoou pelo ridículo tanto boticário, tanto brasileiro, etc., creio que não foi para com os médicos além dalguma ferroada ligeira, em personagens de somenos importância. Pelo menos de toda a sua obra, cuja leitura

fiz em tempos do liceu, não me ficou lembrança que agora me acuda ao chamamento. Foi pela mesma altura da minha vida, que li Júlio Diniz e não mais me esqueceu a figura de João Semana, de tal modo criada, que a vida de relação entre pessoas medianamente ilustradas constantemente aviva pela citação de todos os dias.

É, de facto, nas *Pupilas do Senhor Reitor* que está o tipo clássico do clínico das aldeias portuguesas. Qual de nós o não tem visto pelas estradas, mal montado e pachorrento, mau cavaleiro, scéptico e filósofo a seu modo?

João Semana, símbolo tão humana e conscientemente tratado, vive ainda, sequestrado da civilização e das novidades científicas; mas por esse isolamento também, a par de levemente embotado na inteligência, com a alma purificada pela ausencia de lutas, desempoiado de ambições, envelhece na tarefa monotona de recitar caldos de galinha, quinino e purgantes, sorrindo com superioridade das teorias inquietas que da escola levam os Daniels a que de antemão vaticina futuro mais ou menos igual ao seu... Anos passam... e quasi sempre acerta!

«João Semana, homem rude, franco, jovial, que apertou a mão de Daniel, pondo em exercício os músculos de oitenta anos, que fariam inveja aos nossos rapazes de vinte», gritava com desdem para o jôven colega: «Que nomes! Que moléstias que eu nunca vi em sessenta anos de prática!» «Eu penso que lá por fóra, nessas terras grandes, há fábricas de moléstias novas que, felizmente, por lá se gastam também: cá à aldeia não chegam...» O respeitavel

ancião, aterrado, desdenhava assim do que não conhecia...

Dando consultas rápidas de cima da égua, cujo pescoço enchia de ramos de carvalho por causa das moscas, recomendava cuidado na aplicação dos remédios, descompunha, mas, muitas vezes, acabava por dar, disfarçadamente, uma moeda de prata para a ajuda da galinha.

Retratado por Jorge Colaço no azulejo, lá está de cima da eguasita, a falar com uma rapariga, lavada de saúde, numa evocação feliz duma scena pitoresca do romance, a que o desenhador não faltou com o cenário proprio, com detalhes precisos na execução. Ao vê-lo, reconheci o João Semana que eu idealizara na leitura.

Com diferenças na idade, as figuras de João Semana continuam espalhadas ainda pela nossa terra; porque João Semana, a criação mais flagrante de Júlio Diniz, é um produto do meio...

Vem depois Eça de Queirós, pondo em destaque três figuras de médicos, uma das quais actua como o primeiro personagem de *Os Maias*.

Um desterro providencial para o lugar de administrador do concelho de Leiria ocasionou





o romance magistral que é todo *O Crime do Padre Amaro*, cuja acção se passa em torno de beatas e padres falsários da missão sublime que a Igreja lhes conferiu.

O Dr. Gouveia que antes nos apparecia a dar conselhos banais, na repetição de lugares comuns, no apaixonado João Eduardo, no gabinete de consulta, e que com o seu tom poeirento, uma panoplia de frechas selvagens e duas cegonhas empalhadas, tinha na cidade uma reputação de *cetera alquimista*, surge na Ricoça, após o parto de Amélia, a soltar, malcriadamente, dispautes contra a Igreja na presença do bom abade Ferrão — sacerdote humilde, crente da sua crença, merecedor, quando mais não fosse daquêlê elemental respeito que aos velhos se deve.

«E agora, — dizia o doutor trinchando o peito do frango — agora que eu introduzi a criança no mundo, os senhores (e quando digo os senhores quero dizer a Igreja), apoderam-se dela e não a largam mais até à morte».

Repare-se no pedantismo da frase... *Que eu introduzi a criança no mundo*... Como era sectária a exaltação do século XIX que Léon Daudet tão altivamente classifica de estúpido!

A discussão começa naturalmente, filiada a argumentação do doutor nas bases insensatas do individualismo, espectralizado pela Revolução Francesa, atacando com pretenciosa ironia a Igreja de que apenas conhecia, e mal, os enunciados sucintos de catecismo primário; mas imponente no pedestal da sua *sciência*... E, à *ratione*, o doutor analisa, convencido de que o entendimento humano podia galgar tôdas as barreiras dos mistérios da vida, esquecendo, sobretudo, que as religiões não teem leis, teem dogmas.

E depois de ter discursado também contra a preparação e educação eclesiásticas e filosofado largamente sobre a sciência e o *Syllabus*, a uma nova insistência da parteira, apressou-se a entrar no quarto da parturiente a que antes fizera um prognostico benigno com scientifica segurança, e, momentos depois, via morrer inexoravelmente...

Eis, como no admirável romance, appareceu o médico da cidade da provincia, boa pessoa, ateu e republicano, de convicções aggressivas, cujo prestigio tanto tem contribuido para a anarquiação das ideias que rebarbarisa a humanidade...

Em *O Primo Basílio* é Julião Zuzarte o galeno estudado. O pratico dr. Caminha e o dr. Pinto a que uma interessante esperança de Juliana bebia as palavras, entram e saem da scena em pequenas rábulas...

Pouco antes saído da Escola, embuído dum materialismo rcales, constantemente irritado pela pobreza em que se encontrava, tem palavras de revolta contra a sociedade e caspa em abundancia...

A propósito dum concurso para que se prepara, faz a apologia da justiça, apregoa a, segurança com que irá prestar provas; mas lamenta sinceramente não ter «metido cunhas». Finalmente, preterido pelo outro candidato, não barafusta: tinham-lhe prometido uma colocação

para breve e lá continúa com a cabeleira desleixada, as botas de elástico velho mal engraxadas e o fato mal feito — preparo em que foi interromper o idílio de Luiza com o primo canalha que ao vê-lo soltou em pensamento, chocado no seu janotismo imbecil: «Que pulha!»

Luiza, envergonhada, após a saída do homem corrido, como que a desculpar-se da intimidade da visita, tem esta frase: — «Diz que tem muito talento». — Ao que Basilio ripostou com desdem: — «Era melhor que tivesse botas».

No jantar do Conselheiro, Julião expõe sobre o casamento e a mulher, raciocínios de alarve. Era um dos atacados dos defeitos da época que, julgando campo supremo da intelligência o laboratório e a acção destrutiva, caíam, sem remissão, num mal de espirito a que até mesmo grandes homens não conseguiram subtraír-se.

Como último retóque na caricatura, Eça põe na boca do jóven clinico, depois de anilhado no logar apeteçido, estas palavras simples que daguerreotypam a sinceridade dum cérebro:

«Até há dias um revolucionário terrível. Mas agora um amigo da ordem».

Aqui não tem o médico nenhuma característica especial, confunde-se com todos os outros das profissões liberais, palavrosos e ócos, que a politica apadrinha por mal do povo ou a burocracia amara em favor da inercia — ontem como hoje, hoje como ontem...

Finalmente, a encher todo o romance, observado em minucias da vida intima, vem Carlos da Maia, formado em Coimbra com um «sebaceo



accessit que lhe enodôa o passado», na ironia fulgente de João da Ega.

Através do milheiro de páginas fluentes de *Os Maias*, sátira formidável à Lisboa composta e grave de então, com chapéus altos a prolongar o vazio dos cérebros, e o estilo empolado dos escrevinhadores e oradores acreditados, Carlos da Maia atravessa, com superioridade, toda uma sociedade de cerebração tacanha, nivelada pela oratoria de S. Bento, a retratar as meias-tintas do Constitucionalismo, regime em que a autoridade enfraquece e a artimanha faz surgir como simbolo o boticário eleitoral do século XIX, num remoço feliz de Fialho de Almeida.

Rico, educado pelo avô, que sabia lér Michélet, admirava a Inglaterra e tinha o culto da força e da saúde, criou-se longe da cidade, nos ares puros duma quinta da Beira, com um perceptor inglês a dar-lhe a pratica da lingua e a ministrarlhe uma ginástica racional, acarinhado, sem piçuiques, pelo velho admirável que é Afonso da Maia. Assim foi que quando Carlos entrou em Coimbra para se formar em Medicina era um homem são de corpo e de espirito, e estava destinado, como dizia João da Ega, a ser um desses médicos literários que inventam



doenças de que a humanidade papalva se presta logo a morrer!»

Terminado o curso, durante o qual nos Paços de Celas, como era conhecida a luxuosa residência de Carlos, se discutia Prondhion, Augusto Comte e Herbert Spencer, uma longa viagem pela Europa acaba a educação do homem, estimula os desejos scientificos do médico: Afonso da Maia vai encontrá-lo um dia, a desempacotar rumas de volumes e materiais de laboratorio. No seu fundo de *dilettante*, Carlos da Maia pensava ser «um Claude Bernard que fôsse também um Morny...».

Elegante de mais para médico — como amigos diziam — Carlos chegou a montar consultório e a annunciá-lo nos jornais; quando, porém, viu o seu nome em grossas letras, entre o de uma engomadeira à Boa-Hora e um reclamo de casa de hospedes — encarregou Vilaça de retirar o annuncio.

Ainda não tinha chegado o tempo das taboletas monstros!

Todos os dias perdia, em sonolência, duas horas no consultório, o médico que tinha nove cavalos, cocheiro inglês, «grooms» fardados, e que deslumbrava Lisboa com o luxo do *dog-cart*, dos phactons, e o corte aprimorado dos fatos.

No meio dum clinicar muito vago, Carlos da Maia ainda acarinhava ideias fortes de trabalho — ideias que o meio ia estiolando, quando uma inglesa atacada dos bronquios pôs um ponto final na sua vida clinica. Era a preceptora da pequena Rosa, a filha de Maria Eduarda.

E uma paixão fatal que, por coincidências desastrosas, foi apressar a morte do octogenário avô, lançando Carlos numa longa viagem, fixava-o em Paris no tipo definitivo do *shomem rico que vive bem*».

Das três figuras de médicos, mais detalhadamente estudadas pelo nosso maior romancista, que eu acabo de tratar aqui, ao de leve, como me pareceu convir a um quarto de hora de palestra, é o dr. Gouveia do *Crime do Padre Amaro* o mais propriamente médico, alheado dos conciliabulos do burgo, vivendo da clinica e para a clinica, bom homem; apenas inquinado das prosápias scientificas do século XIX.

MOTTA CABRAL



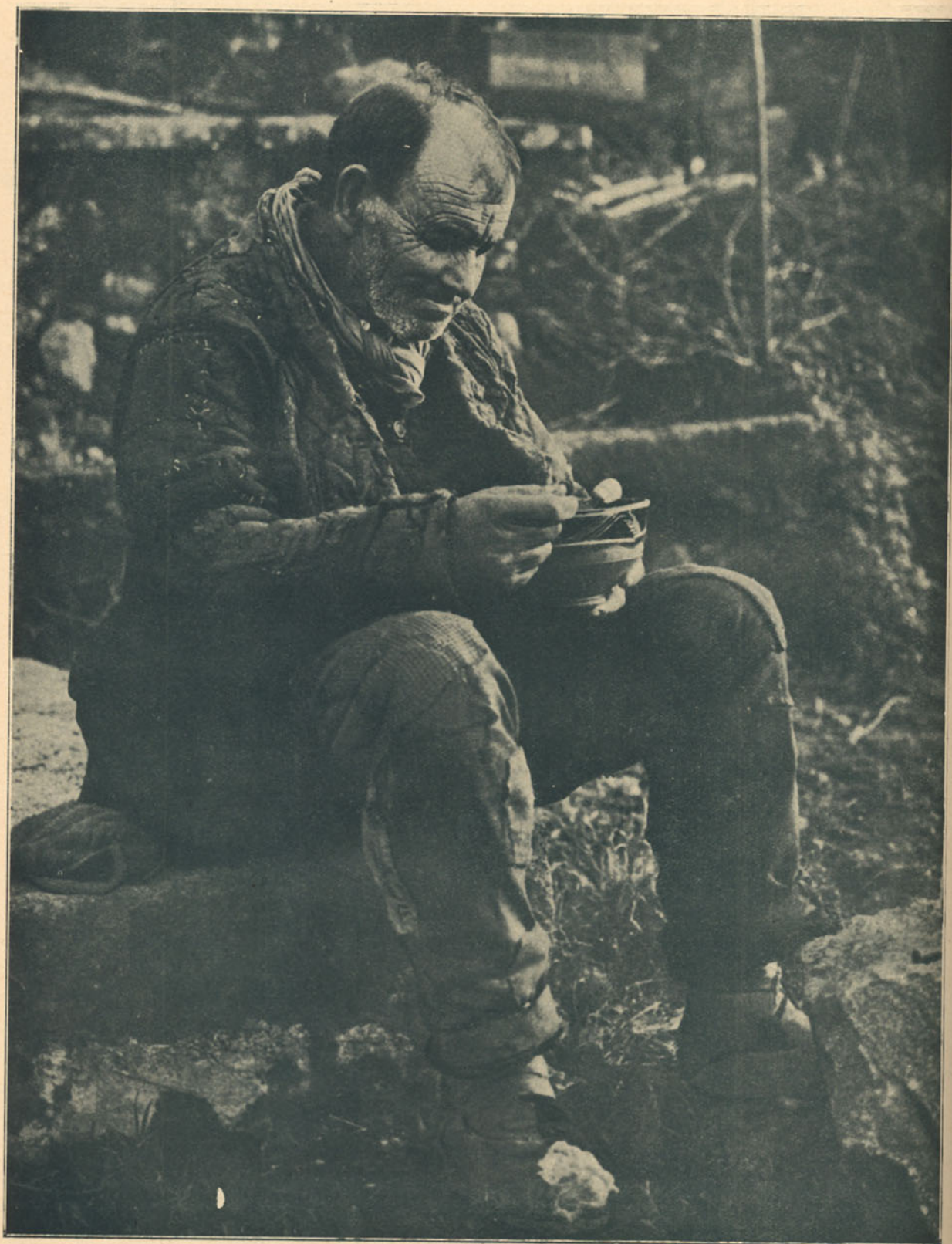
NA SEMANA SANTA



DE VISITA AS IGREJAS...

(Desenho inédito de Stuart Carvalhata)

PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



POVOA DO VARZIM — AS SOPAS DO VELHO PESCADOR

(Foto de J. M. Coutinho)

O PAÇO DUCAL DE VILA VIÇOSA

A Casa de Bragança, que teve princípio em D. Afonso, filho natural de el-rei D. João I e de Inez Pires que casou com a filha do Condestável, foi uma das casas mais importantes de Portugal, tendo sido Vila Viçosa a escolhida para Corte Ducal, muito embora os duques de Bragança possuíam moradias de mais alta importância, noutras localidades.

Primitivamente assistiram os duques no Castelo Velho da vila, que lhes foi legado por D. Nuno Alvares Pereira, passando depois a habitar o magestoso palácio, mandado construir não muito longe do Castelo.

Os palácios de Guimarães, Chaves e Barcelos, nunca mereceram aos duques tanta atenção, como o de Vila Viçosa, que reuniu muita magnificência e sumptuosidade, tanta que pouca diferença fazia da Casa Real.

Os duques de Bragança sempre dispensaram um grande carinho a esta terra, tanto que ali fundaram o seu Pantheon, erecto na Igreja do Convento dos Agostinhos.

A particular estima e o grande amor que os duques sentiam pelo «Coração do Alentejo», provinha da sua exuberante planície, dos ares saudáveis que a lavavam e das pitoresca e aprazível Tapada Real, que eram, como disse um dos maiores poetas e dramaturgos espanhóis :

*Cinco millas de largo, y de contorno
Doce, contiene el sitio inaccessible.*

O Palácio é incontestavelmente a construção de maiores proporções da vila. Ergue-se esta magestosa vivenda no largo do Terreiro do Paço, hoje largo da Liberdade, que mede do lado oriental a ocidental, 137 metros de comprido, e de norte a sul, 115 m. e 30 cm., totalizando 15.666 metros quadrados, ou de longo 66 braças e meia e de ancho 55. Este palácio foi uma obra de muitas gerações, sendo o seu iniciador o quarto duque de Bragança, D. Jaime, que pelos anos de 1501, resolvera abandonar definitivamente o Castelo, onde habitava seu pai, o duque D. Fernando II, degolado em Évora em 1483, por ordem do rei D. João II.

Ainda no ano de 1501, ficou fundada uma parte do palácio, pois que no ano a seguir o mesmo duque o foi habitar em companhia de sua esposa, D. Leonor, com quem se tinha unido por esponsais.

Neste mesmo ano ficaram concluídas apenas as habitações indispensáveis para moradia, e quatro anos depois, já existia a capela com um desafogado claustro, para a realização de procissões.

É do tempo deste duque tudo que se encontra

OS SEUS PRINCÍPIOS

— O CÉLEBRE MOTE DE FREI CALADO —

A PORTA DOS NÓS E A HISTÓRICA JANELA DA CASA DE LISBOA

da porta de ferro para o norte até ao primeiro andar, incluindo a Ilha, que dá entrada pela originalíssima Porta de Nós, cuja porta é de feitura de um M, com três nós sobre o vão. Fr. Manuel Calado deixou o seguinte, respeitante á Porta :

«Logo após a uma das janelas do palácio, mais um pouco arriba, estava a Porta de Nós com as armas reais com uns nós corridos feitos em pedra e uma letra que dizia *Depois de Vós*. E por baixo destes nós outros cegos nas batentes

da portada com uma letra que dizia *Depois de Nós*, significando o que se segue : Depois das pessoas Reais, nós somos os primeiros na grandeza e na pretensão do Reino, e todos outros Duques, Marqueses e Condes são depois de nós.»

Este Fr. Manuel Calado, era filho de Diogo Calado e de Inez Martins. Nasceu em Vila Viçosa no ano de 1599, e faleceu a 12 de Julho de 1654, em Lisboa. Educado à custa do duque D. Teodosio II, frequentou as aulas dos religiosos de Santo Agostinho do Convento de Nossa Senhora da Graça (Évora), indo depois para a Universidade da mesma cidade, onde estudou Lógica e Filosofia, formando-se em bacharel licenciado e mestre em artes em 1603.

Publicou várias obras, entre as quais «Valero no Lucidano e Triunfo da Liberdade na Restauração de Pernambuco», cuja obra esteve proibida de aparecer por espaço de 20 anos, aparecendo 14 anos depois da sua morte, com um novo frontispício, impresso em Lisboa, nas oficinas de Domingos Carneiro.

Voltando ao Palácio dos Duques, actualmente não se vê escudo algum de armas reais, nem tão pouco inscrições, mas sómente a portada de nós.

D. Teodósio, filho de D. Jaime, seu sucessor no ducado de Bragança (1532-1563), continuou mandando fazer com grande incremento, gran-



O palácio Real de Vila Viçosa, vendo-se também a torre da capela (x)

MÚSICOS-BOÉMIOS

E

MÚSICOS-AMADORES

Figuras de pobre diabo filósofo, ou de príncipe disfarçado, ou de transviado, de excêntrico, ou ainda, menos embora, de visionário, de tresloucado, — a galeria de tipos da boémia musical é rica de formas e expressões.

Quem não viu e não ouviu ainda alguma dessas criaturas originais, esplendorosamente dotadas tecnicamente e porventura para intérpretes e compositores até, conhecedoras de todas as «ficelles» do seu mister e do seu instrumento, percebendo pormenores que os punham em condições de criticar por sua vez, implacavelmente, muitos críticos de officio! Fazem vida pelos clubs, cafés, estabelecimentos de diversões nocturnas de todas as camadas sociais: quantas vezes, nuns célebres botequins das proximidades da rua da Palma, a chamada rufiagem embasbaçou ante as maravilhas dum citado músico-boémio, e o caso é que muita sobrecasaca, conhecedora do facto, não temia a confraternização. E, como este, tanto episódio, tanto destino que parecia fadado para o triunfo, e teve os seus momentos de deslumbramento, mas viveu como que apartado pela sua própria vontade da hierarquia social, alheio às convenções, indiferente às leis, e acabando miseravelmente... Quando o músico-boémio não é um neurasténico, ou, a seu modo, um filantropo, a graça e o gôso do momento que passa basta para encher a sua vida. Assim, não iria longe de todo o burguês que se presa, se não fôsse que este não é capaz de «gostar o momento que passa» sem garantia de estabilidade até ao fim da vida...

A galeria dos amadores-músicos também tem os seus tipos, menos vincados, porém: figuras entre presuntuosas e benevolentes, pseudo-paixão artística que se traduz em expressões enternecidas, desejo de assumir papéis de destaque, de prestar «relevantes

serviços» à «Arte, nossa Mãe e nosso Fito».

Os amadores-músicos pertencem, em geral, à classe rica, remediada pelo menos; doutro modo, ou não tinham tempo de cultivar a sua paixão musical ou tinham de convertê-la em profissionalismo. É mesmo pelo dinheiro que duram, afogada a possibilidade do *amador* passar a *artista*, porque no côro dos aduladores perde-se a voz dos que tem a coragem de reclamar melhor aproveitamento de qualidades, sérias muitas vezes.

Deduz-se claramente que, na generalidade, ambas estas classes ladeiam a arte consciente do seu papel e das suas exigências. Ao passo que o músico-boémio desbarata as suas faculdades por atrofiamento da vontade, ou falta de senso social, ou ausências de fé, — fé seja no que for, em si, no mundo, nos seus semelhantes, — e o conseqüente desleixo, o *amador-músico* vê as suas faculdades através uma grossa lente, confunde *aspiração* com *vocação*, anseia por aproximar verdadeiros artistas, mas recusa-se a curvar-se ante eles como inferior, e quando dá uma opinião não se contenta com o simples «j'aime» ou «je n'aime pas» do, bom César Franck; afirma: «Presta», — ou «Não presta!»

Socialmente, é muito pior a qualidade de boémio do que a qualidade de *amador*. Em compensação, artisticamente, é muito mais próxima da nulidade a qualidade de *amador* do que a qualidade de boémio. E tanto assim é, que se um músico-boémio transpõe a barreira da arte pura, tem probabilidades de

ficar boémio, enquanto que o *amador* que se torna artista perde o seu título de *amador*, — e não chora por elle...

Não queremos negar à condição de *amador* utilidade e nobreza, desde o momento que haja nela o sentido das proporções, a noção do seu verdadeiro lugar. O termo *amador* teve, e tem, de resto, um sentido muito honroso, não fôsse elle desvirtuado justamente por aqueles que nunca passaram o limiar do templo da verdade consciente, e se julgam no entanto grandes sacerdotes. É possível, com a evolução constante de tudo que não morre, que o tempo torne a dar-lhe dignidade e brilhantismo, — como tinha quando se instituiu a prestimosa Academia dos Amadores de Música. Mas como «não é o hábito que faz o monge», resta saber a denominação que estará adaptada nessa altura para a classe dos «amadores-músicos» no bom e mau sentido actual.

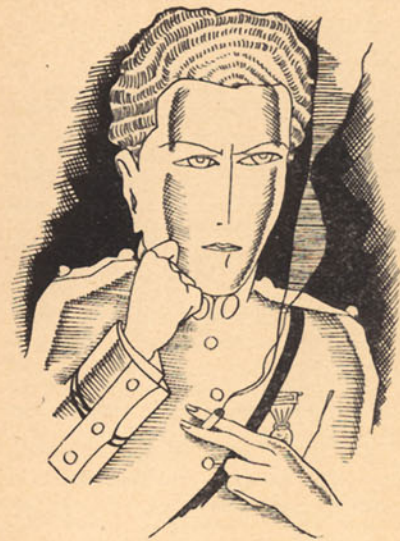
A classe dos boémios é que tende a desaparecer, talvez pelo espírito associativo em que se educam as novas gerações, ou pelo culto cada vez maior do positivismo, e principalmente da organização social. O boémio-músico é um anormal, mas um anormal que não se impõe definitivamente, e é incuravelmente individualista, quando nos tempos presentes só há lugar para os fortes, ou para os que entram numa corrente. (Não se trata aqui de altruismo, o espírito associativo é conseqüência tanto ou mais do egoísmo bem entendido do que da fraternidade pregada por Jesus-Cristo...)

A infiltração da nova América, pobre de história e arte, ainda, porém, rica de sangue moço, tem o seu papel importante na transformação...

Mas dum simples «aperçu» não pretendemos elevar-nos a um complexo estudo de sociologia, — e por aqui nos ficamos, com as nossas simpatias, o nosso desejo de não sermos incompreendidos, e a nossa completa ausência de partidário.

Lisboa, 5 de Março de 1925.

FRANCINE BENOTT.



—Sir Archibald Russell—murmurou lentamente Le Mesge.

Morhange, mudo, aproximou-se, teve coragem de levantar o vên de musselina. Longamente, esteve a examinar a soturna estátua de bronze.

—Uma múmia, uma múmia—disse por fim.

—Está enganado, não é uma múmia.

—Para falar com propriedade, não é—repliou o sr. Le Mesge— não é uma múmia. Mas são os restos mortais de Sir Archibald Russell que estão diante de nós. Devo observar que os processos de embalsamar empregados por ordem de Antinea diferem dos que eram usados no antigo Egipto. Não se emprega aqui o natro nem aromas, nem ligaduras. A indústria do Hoggar alcançou logo de

ATLANTIDA

ROMANCE

(Romance votado no concurso do *Magazine Bertrand* e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

de **PIERRE BENOIT**
ILUSTRAÇÕES DE **ROBERTO NOBRE**

uma vez, o que a sciência europeia só conseguiu depois de muitas tentativas. Quando aqui cheguei, qual não foi o meu espanto ao reconhecer que se usava cá um método que eu supunha apenas conhecido no mundo civilizado.

O sr. Le Mesge, com o index dobrado, deu uma pancadinha na fronte mate de Sir Archibald Russell. Ouviu-se um tinnir metálico.

—É bronze,—murmurei.— Não é uma testa humana. É bronze.

O sr. Le Mesge encolheu os ombros:

—É uma testa humana—afirmou êle incisivamente— não é bronze. O bronze é mais escuro, bem sabe. Este é o grande metal desconhecido de que fala Platão, no *Cricius*, meio termo entre o ouro e a prata. É o metal particular à montanha Atlântida. É o oricáleo.

Inclinando-me ainda mais, reconheci que o metal era o mesmo de que se achavam revestidas as paredes da biblioteca.

—É o oricáleo—continuou o sr. Le Mesge.— Os senhores parece que não entendem como é que um corpo humano lhe pode aparecer sob a forma de uma estátua de oricáleo. Então o capitão Morhange, que eu julgava possuir alguns conhecimentos, nunca ouviu falar no processo do Dr. Variot para conservar os corpos sem serem embalsamados? Nunca leu o livro em que êsse médico expõe o método chamado galvanoplástico?

Para tornar bons condutores os tecidos cutâneos, cobrem-se com um camada muito fina de nitrato de prata. Em seguida, mette-se o corpo num banho de sulfato de cobre, e a polarização faz o resto. O processo com que se metalizou o corpo dêste estimável major inglês foi o mesmo. Só com esta diferença, que o banho de sulfato de cobre foi substituído por um de sulfato de oricáleo, substância muito mais rara. E assim, em vez de terem diante de si uma estátua de

pobre, uma estátua de cobre, estão a ver uma estátua dum metal mais precioso que o ouro e a prata, uma estátua, enfim, digna da neta de Neptuno.

O sr. Le Mesge fêz um sinal. Os escravos deitaram mão do corpo. Num instante fizeram escorregar o fantasma de oricáleo para dentro do seu estôjo de madeira pintada. Depois, puseram o estôjo ao alto, e foram collocá-lo no seu nicho, ao lado daquelle onde um estôjo, inteiramente igual, tinha o título N.º 52.

Em seguida, terminado o trabalho, retiraram-se sem dizer nada. O ar frio da morte tornou a sacudir a chama vermelha dos tocheiros de cobre e fêz dançar grandes sombras em volta de nós.

Morhange e eu tínhamos ficado tão imóveis como os espectros de metal pálido que nos rodeavam. Súbito, fiz um esforço e aproximei-me, cambaleando, do nicho vizinho daquelle onde tinham acabado de erigir o corpo do major inglês.

Meus olhos procuraram o rótulo, o rótulo N.º 52.

Encostando-me à parede de mármore vermelho, li:

N.º 52. *Capitão Lourenço Deligne. Nascido em Paris, a 22 de Julho de 1861. Falecido no Hoggar a 20 de Outubro de 1896.*

—O capitão Deligne—murmurei Morhange—que saíu em 1895 de Colomb-Béchar para o Timimouin e de quem nunca mais houve notícias!

—Exactamente—disse o sr. Le Mesge com um sinal de cabeça confirmativo.

Número 51, leu Morhange, já a bater o queixo.—*Coronel von Wittmann, nascido em Iena em 1855. Falecido no Hoggar em 1 de Maio de 1896. O coronel Wittmann, o explorador do Kanem, que desapareceu para a banda de Agadés.*

—Exactamente—disse também Le Mesge.

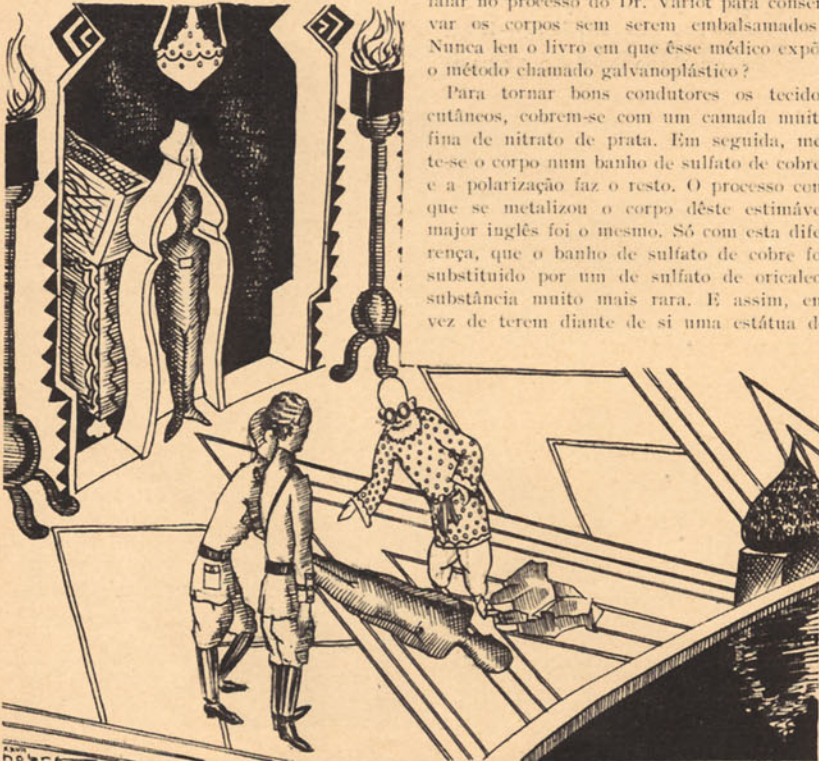
Número 50.—li eu agora, segurando-me à parede para não cair. *Marquês Alonso de Oliveira, nascido em Cadix a 21 de Fevereiro de 1868. Falecido no Hoggar em 1 de Fevereiro de 1896...* Oliveira que ia para Araouan.

—Exactamente—tornou a dizer o sr. Le Mesge. Este espanhol era dos mais instruídos. Tive curiosas discussões com êle, a respeito da verdadeira situação do reino de Anteu.

Número 49.—disse Morhange, e a sua voz já não era mais que um sopro. *Tenente Woodhouse, nascido em Liverpool, a 16 de Setembro de 1870. Falecido no Hoggar a 4 de Outubro de 1895.*

—Uma criança a bem dizer—disse o sr. Le Mesge.

Número 48—disse eu.—*Alfêres Luís de Maillefeu, nascido em Provins, a...*



...Não acabei. A emoção estrangulára-me a voz.

Luís de Maillfeu, o meu melhor amigo, o meu amigo de infância, em Saint-Cyr, em toda a parte... Estava a olhar para êle e a reconhecê-lo por baixo da camada de metal. Luís de Maillfeu!...

E com a testa encostada à pedra fria desatei a chorar, sacudido por fundos soluços. Ouvi a voz oprimida de Morhange que se dirigia ao professor:

— Senhor, de mais durou esta scena. Acabemos.

— Ele quiz saber, — respondeu o sr. Le Mesge, que lhe hei de eu fazer?

Fui direito ao professor e agarrei-o pelos ombros:

— Porque está êle aqui? De que morreu?

— Está aqui pela mesma razão que os outros: pela mesma razão que o coronel Woodhouse, o capitão Deligne, o coronel von Wittmann, os quarenta e sete de ontem, e todos os de amanhã.

— De que morreram? — perguntou imperativamente Morhange.

— De que morreram? *Morreram de amor.*

E com voz muito baixa e grave, acrescentou:

— Agora já sabem...

Lentamente, com precaução de que o julgávamos incapaz, o sr. Le Mesge arrancou-nos ao olhar fixo das estátuas de metal. Daí a pouco estávamos mais prostrados que sentados nas almofadas do centro da sala. A fonte continuava a chorar a nossos pés.

— Agora já sabem — repetiu êle — sabem, mas não comprehendem.

E deixou cair as palavras lentamente:

— Sois prisioneiros de Antínea... E Antínea tem de que vingar-se.

— Vingar-se?! — disse Morhange novamente calmo. — Vingar-se de quê? Que fizemos nós, o tenente e eu, à Atlântida? Porque merecemos o seu ódio?

— É uma velha contenda, velhíssima — respondeu gravemente o professor. — Contenda que não é só com o sr. Morhange.

— Pedia-lhe que quizesse explicar um pouco melhor, sr. professor.

— Os senhores são os homens. Ela é a mulher. Tudo se resume nisto.

— Palavra! Não entendo... não entendemos bem.

— Já vão comprehender. Esqueceram-se por acaso das queixas que as rainhas da antiguidade bárbara tiveram dos estrangeiros que a sorte atirava para as suas praias? O poeta Vitor Hugo deu ideia bastante perfeita do odioso procedimento dêles no poema colonial *A donzela de Taiti*.

«Por mais longe que nos leve a memória, encontramos sempre o mesmo procedimento: burla e ingratião. Fisesse senhores gozavam largamente a beleza das damas e as suas riquezas; e uma bela manhã desapareciam. E por muito felizes podiam elas dar-se, se o sujeito, tendo estudado bem o lugar, não voltava com navios e tropas de occupação.

— Eston encantado com a sua erudição — disse Morhange. — Queira continuar.

— Querem exemplos? Surgem de todos os lados. Basta lembrar como Ulisses se comportou com Calipso, e Diomedes com Calirhoe. E Teseu com Ariane? E Jasão com Medea? Os romanos continuaram a tradição com mais brutalidade. Eneas, que tem mui-

tas coisas comuns com o reverendo Spardek, tratou Dido indignamente. César foi para a divina Cleopatra um bruto coroado de louros. E Tito, aquele hipócrita, depois de ter vivido um ano inteiro na Idumea, à custa da chorosa Berenice, só a trouxe para Roma para mais a ultrajar. Era tempo de os filhos de Jáfeto pagarem às filhas de Sem esta formidável dívida de injúrias.

«Apareceu uma mulher para restabelecer em proveito do seu sexo, a grande lei hegeliana das oscilações. Separada do mundo árico pelo formidável precalço de Neptuno, atraí a si os homens mais novos e valentes. O seu corpo condescende a alma é inexorável. Toma dêles o que lhe podem dar. Dá-lhes o corpo e domina-os com o espírito. É a primeira rainha que nunca foi escrava da paixão nem um instante. Nunca teve de



ter mão em si, porque nunca se abandonou. É a única mulher que conseguiu a dissociação dessas duas coisas inextrincáveis: o amor e a voluptuosidade.

O sr. Le Mesge esteve um momento calado, depois proseguiu:

— Antínea vem uma vez ao dia a êste Hipogen. Pára diante dêstes nichos. Medita diante destas estátuas. Toca nos peitos frios, que tão ardentes conheceu. Em seguida, depois de ter meditado em volta da sala onde êle há de dormir para sempre, na fria banheira de oricalco, volta indolentemente para junto daquelle que a espera.

O professor cessou de falar. Tornou a ouvir-se a fonte no meio da sombra. Batiam-me os pulsos, a minha cabeça estava em fogo, devorava-me uma febre enorme.

— E todos, todos aceitaram? — gritei eu, sem atender ao lugar onde estava. — Submeteram-se! Ah! Ela que venha, e verás.

Morhange nada dizia.

— Meu caro senhor — disse Le Mesge brandamente — está falando como uma criança. O senhor não sabe, ainda não viu Antínea. Pense, porém, uma coisa. Entre êles — e com um gesto abrangem todo o silencioso círculo de estátuas — havia muitos homens, tão corajosos como o senhor e talvez menos

nervosos. Um dêles, o que está no número 32, era um inglês fleumgático. Quando compareceu diante de Antínea ia até a fumar. E curvou-se como os outros sob o olhar da sua soberana.

«Não fale enquanto a não vir. A minha qualidade de professor não me dá grande competência para falar das coisas da paixão, e sinto-me pouco à vontade para lhes dizer o que é Antínea. O que posso afirmar é que logo que a vir esquecerá tudo: família, pátria, honra, tudo há de renegar por ela.

— Tudo, senhor? — perguntou Morhange muito calmo.

— Tudo. Esquecerão tudo, renegarão tudo. De resto vão ver.

Abriu-se a porta. Um grande targui branco, mais alto de todos que já tínhamos visto naquella terrível casa, entrou e veio direito a nós.

Inclinando-se, tocou-me ligeiramente no braço.

— Vá com êle — disse o sr. Le Mesge.

Obedeci sem dizer nada.

CAPÍTULO XI

ANTÍNEA

Percorremos, o meu guia e eu, outro extenso corredor. A minha excitação aumentava. Só tinha pressa de uma coisa: estar em frente dessa mulher e dizer-lhe... Estava já disposto a perder a vida.

Muito me enganei, porém, cuidando que esta aventura ia tomar imediatamente carácter heroico. Na vida nunca os géneros são delimitados. Deveria eu lembrar-me, por uma infinidade de pequenos factos anteriores, de que, neste meu caso, o burlesco se entremecia, em regra, com o trágico.

Ao chegar ao pé de uma pequena porta clara, o guia afastou-se para me deixar entrar.

Encontrei-me no quarto de vestir mais confortável que pode imaginar-se. O tecto de vidro despolido, derramava nas lages de mármore do pavimento uma luz alegre e rosada. O primeiro objecto que vi foi um relógio pendente da parede, que tinha os signos do Zodíaco em lugar de números. O ponteiro pequeno ainda não tinha chegado a Aries.

Três horas, três horas apenas. O dia tinha-me parecido um século e ainda agora ia um pouco mais de meio.

Outra ideia me fez rir:

«Antínea quer que eu lhe apareça com a maior apresentação.»

Uma das paredes estava coberta, de alto a baixo, com um enorme espelho de oricalco, e ao ver a minha figura comprehendí que ella, em boa verdade, não pedia nada de mais. A barba inculta, uma camada de sebo em volta dos olhos correndo em riscos pelas faces, o fato sujo de todos os barros do Saará e rasgado pelos matos do Hoggar, faziam de mim um triste cavaleiro.

Logo me despi e entrei na banheira de pórfiro que estava no meio da casa. Uma vez na água morna e perfumada penetrou-me um entorpecimento delicioso. Dançavam diante de mim mil boiõesinhos que estavam num toucador de madeira lavrada. Havia-os de todas as dimensões e de todas as côres, e eram feitos de uma qualidade de jade muito transparente.

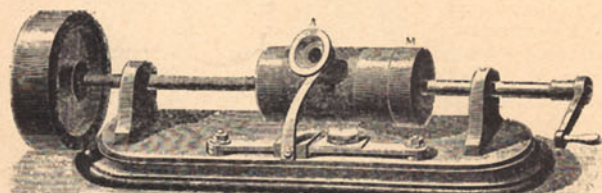
(Continua)

VIDA SCIENTÍFICA

O GRAMOFONE

Porque razão crismaram o fonógrafo em gramofone? Não conheço. Sei, porém, que chamavam fonógrafo ao patriarca de que descende a imensidade de gramofones que hoje existe, desde o caro aparelho destinado a concertos artísticos até à modesta caixa falante para recreio das famílias modestas.

O primeiro fonógrafo, tal como o inventou

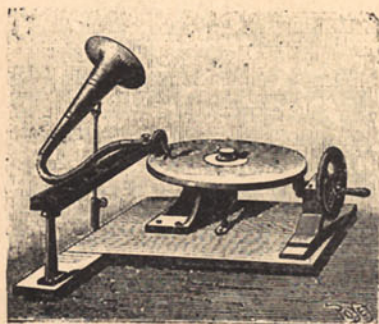


O primitivo fonógrafo de Edison

Edison, registava as ondas sonoras num cilindro girante coberto com uma folha de estanho e movido à mão. As vibrações do som eram transmitidas pelo ar a um diafragma ao qual se prendia uma agulha, e esta traduzia os movimentos do diafragma num traço sinuoso que ia gravando no estanho. Quando se queria reproduzir o som, dava-se ao cilindro o mesmo movimento, a agulha percorria o traço que tinha gravado, transmitia os seus movimentos ao diafragma, e este ao ar que vibrava produzindo ondas sonoras. Era um aparelho curioso como aplicação de conhecimentos físicos, mas a reprodução dos sons saía roufenha, desagradável. Nada então fazia supor que êle viesse a constituir objecto de uma grande indústria e conseguisse conquistar o mundo.

O primeiro aperfeiçoamento que se introduziu nos fonógrafos teve por objecto o movimento do cilindro, que, de manual que era, passou a fazer-se por um sistema de relojoaria, com seu aparelho regulador. Mais tarde empregou-se um pequeno motor eléctrico. Creio que um fonógrafo existente no gabinete de física da Escola Politécnica e que servia para demonstração de aula, nos meus tempos de estudante, ao tratar-se da acústica, era movido por êsse modo. De aí vinha suporem alguns que se tratava de um aparelho eléctrico com a propriedade de reproduzir a voz humana: — Oh! esta electricidade! — Não se tratava mesmo nada de electricidade, visto que o fonógrafo é um aparelho acústico.

Outro melhoramento importante foi a substituição do cilindro pelo disco. Por êste



O primeiro fonógrafo de disco

modo, os deslocamentos da agulha fazem-se no sentido lateral, sendo constante a profundidade do traço. Depois empregaram-se agulhas com pontas de safira para a impressão das vibrações e substituiu-se o estanho pela cera. Mas a carreira industrial do gramofone só se iniciou no dia em que se descobriu a forma de reproduzir à vontade o disco impresso.

Depois de se experimentarem vários processos mecânicos de reprodução, recorreu-se à galvanoplastia. Com o disco primitivamente gravado obtém-se um outro, metálico, em relevo, e este

ao fundo do pavilhão, serviram-se de um micrófono especial que transforma essas vibrações em correntes eléctricas.

Estas passam através um amplificador e vão de lá determinar os movimentos do punção que os grava sobre o disco de cera, num quarto à parte, preparado por forma que as suas paredes abafem os sons exteriores.

Também foi muito estudado o pavilhão.

Parece que a forma mais favorável é a recta, cuja secção tenha a forma de um hiperbolóide com um ângulo de abertura regularmente e progressivamente crescente.

Como não é possível conservar num nível caseiro um longo pavilhão, constroem-no por modo que êle se dobre sobre si mesmo, formando uma curva bem determinada.

Outros aperfeiçoamentos se tem realizado referentemente ao diafragma e órgãos que lhe estão ligados. Um dêles, muito importante, visa a abafar os ruídos feitos pela agulha, a que podemos chamar parasitas, como fazem para outros ruídos adventícios as pessoas que utilizam a telefonia sem fios. Consiste em não traduzir o traçado do disco directamente em ondas sonoras. Para isso, a ponta da agulha tem uma pequena armadura de aço rodeada pelos polos de um electro-iman, o que dá lugar a que as vibrações mecânicas da agulha se transformem em oscilações eléctricas de fraca intensidade. Estas passam por um amplificador e vão depois, mercê de um outro electro-iman, fazer vibrar uma lâmina existente no fundo do pavilhão. Essa vibrações produzem as ondas sonoras.

Com todos êstes aperfeiçoamentos constroem-se hoje aparelhos que satisfazem as pessoas mais exigentes.

F. MIRA.



Registro fonográfico de uma orquestra pelo antigo processo: Os artistas colocados em situação indicada pela natureza e força dos respectivos instrumentos

serve para reproduzir quantos exemplares se queira, por pressão sobre outros discos feitos de especiais matérias plásticas, de várias fórmulas, que constituem segredo para cada casa construtora. Estava criado o gramofone para o grande público. Restava aperfeiçoá-lo por forma que êle satisfizesse as pessoas de alta cultura artística.

Em primeiro lugar modificou-se o processo de registo. A princípio, uma orquestra tinha que alterar a disposição das figuras, colocando junto ao pavilhão do gramofone os instrumentos de som mais fraco e os mais fortes a maior distância. Este agrupamento especial, por muito hábil que fôsse, alterava a fisionomia do trecho que fôra executado.

Pensou-se então em manter as figuras da orquestra nos seus lugares habituais. Somente, em vez de receber as ondas sonoras no diafragma colocado



Registro fonográfico de uma orquestra pelo processo moderno: Os artistas conservam-se nos seus logares habituais



Passatempo

PASSATEMPO ZOOLOGICO



Tracem duas linhas irregulares através do espaço fechado pelo contorno desta figura, e formarão assim os contornos de três animais, perfeitamente definidos.

Depois, ponham-lhes olhos, simplesmente indicados por pontos. Duas linhas e três pontos e nada mais é preciso.

卍 卍

Ela: — Os homens não tem coração.

Ele: — Tecm, sim, mas quando vêem V. Ex.^a, perdem-o.

卍 卍

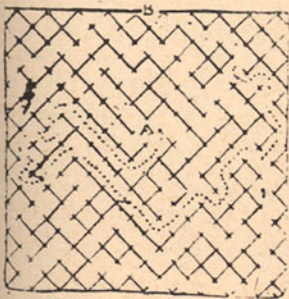
O médico (alegremente): — Então sente-se pior, não é verdade?

O cliente, dedicado: — Sinto sim, muito obrigado, doutor.

卍 卍

UM NOVO DEDALO

(Solução)



A linha pontuada indica o caminho que o noivo seguiu, entrando pela porta B, para se encontrar com a noiva, no recinto A.

A chiromante: — O seu marido há de ser um homem corajoso, bonito, rico, generoso...

A cliente: — Que bom! E diga-me lá, como hei de vêr-me livre daquele que agora tenho?

卍 卍

A patrão: — Olhe, Joaquina, esta cadeira está coberta de pó!

A criada: — Então, o que quer a senhora? Há umas poucas de semanas que ninguém se senta nela!

卍 卍

ILUSÃO ÓPTICA



Quem olhar desprevenido para a figura junta, persuadir-se há que a linha *f* é o prolongamento da linha *u*. É perfeitamente ilusão da vista. O prolongamento de *u* é a linha *d*. Verifiquem por meio de régua.

A CRUZ E O QUADRADO

(Solução)



A figura junta indica, sem necessidade de maiores explicações, a maneira de satisfazer às condições da paciência proposta. Os cinco fósforos que para isso se movem, são os indicados pelos números 1, 2, 3, 4 e 5.

卍 卍

O crítico: — Acho da maior conveniência que o protagonista se mate com um tiro no último acto, em vez de se envenenar.

O autor: — Porquê?

O crítico: — Porque será a maneira de acordar o auditório e fazer-lhes saber que acabou a peça.

卍 卍

Um sábio, depois de ler a sua mulher, um trabalho que acabou de escrever:

— Entendeste bem?

— Perfeitamente.

— Então estou descansado: toda a gente há de entender, por menos esperta que seja.



— Antoninho, andaste outra vez à briga com algum rapaz! Não tens emenda.

— Sempre queria vêr, se a D. Albertina lhe daltasse um ovo partido pelas costas abaixo, se a mamã não brigava com ela também?

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM FEVEREIRO DE 1928

LITTERATURA

ABREU (JORGE DE) — *Boémia jornalística* (Memórias dum profissional com 30 anos de serviço na «fileira»). 162 p. 8.^o — 8\$00.
 BRAGA (VITORIANO) — *Ocldvio*. Peça em 3 actos. 111 p. 8.^o — 7\$50.
 BRUN (ANDRÉ) — *Procópio Baeta*. Ditos e feitos dum burguês lusitano do 1.^o trinténio do século XX. 190 p. 8.^o — 7\$50.
 CAMPOS LIMA — *O Amor e a Vida* (contos). 2.^a ed. 148 p. 8.^o —
 CASTELO BRANCO (CAMILLO) — *Divindade de Jesus e tradição apostólica*. Nova edição. 206 p. 8.^o e. o retr. do A. na capa. — 7\$50.
 CHAVES COSTA — *Sacrário de ilusões*. Poesias. 83 p. — 10\$00.
 DANTAS (AVELINO) — *Minúsculos*. Versos. 3.^a ed. 254 p. 8.^o.
 FERREIRA (JOÃO TOMÉ) — *Primeiras rimas*. 124 p. 8.^o.
 FIALHO DE ALMEIDA — *Os Galos*. Nova edição. 1 vol. 248 p. 8.^o — 8\$00.
 HELENA (MARIA) — *O Palhaço Francês* (Biblioteca dos Pequenos). II. de Ed. Malta. 59 p. — 5\$00.
 HERCULANO (ALEXANDRE) — *Eurico, o Presbítero*. 27.^a ed., definitiva, conforme com as edições da vida do autor, dirigida por David Lopes... Com 2 apêndices (O *Monasticon*, Tomo I) 326 p. 8.^o — 9\$00.
 INSÚA (ALBERTO) — *A mulher que exgotou o Amor*. Romance da actualidade. Trad. de Moraes Teixeira. 352 p. 8.^o e. capa il. — 10\$00.
 LACERDA (MAURÍCIO DE) e HEITOR MODESTO — *Flor de lotus*. Peça em 3 actos. 160 p. 8.^o e. capa il. — 8\$00.
 LOBO (ACÁCIO) — *Curso prático de francês comercial e correspondência*. Nova ed. 352 p. 8.^o — 8\$00.
 LUZ SOBRAL (MARIA DA) — *Florinhas de S. Francisco contadas às crianças*. II. de Raquel Roque Gameiro Otolino e Rui Roque Gameiro. 137 p. 8.^o e. grav. — 10\$00.
 MACIADO (A. VICTOR) — *Tropa Fandanga*. Opereta em 1 acto. Música original e coordenada de A. Júlio Maciado. 26 p. — 2\$00.
 MARDEN (ORISON SWETT) — *O trabalho, a saúde e o exílio*. Trad. de António Martins da Silva. 320 p. 8.^o — 10\$00.
 MARQUES DE OLIVEIRA (JOSÉ) — *Os sorrisos da pena* (lirismo popular). Com uma apresentação e notas de Eugénio Vieira. 128 p. 8.^o e. o retr. do A. — 7\$50.
 MOREIRA DA SILVA (AUGUSTO) — *Sarah*. 62 p. — 3\$50.
 OLIVEIRA GUIMARÃES (LUÍS DE) — *O Diabo, mestre de dança*. 112 p. 8.^o — 7\$50.

SIMÕES (AFONSO) — *No limiar do poente*. 173 p. 8.^o.
 VALDÉS (A. PALÁCIO) — *Riverita*. Romance da actualidade. Trad. de Tomás Ribeiro Colaço. 378 p. 8.^o e. capa il. por Almada. — 10\$00.
 ZOLA (EMÍLIO) — *A Inundação*. Trad. de Eça Leal. 2.^a ed. 241 p. 8.^o e. capa il. por João Alonzo. — 6\$00.
 ARAUJO (NORBERTO DE) — *A transfusão de sangue*. 66 e. capa il. — 3\$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

LOPES (DAVID) — *A Batalha de Ourique e commentário leve a uma polémica*. 44 p.
 SÃO PAIO (D. ANTÓNIO), CONDE DE — *Do Direito Heráldico Português*. Ensaio histórico-jurídico. 74 p. e. grav. — 20\$00.
 VELHO (ERNESTO) — *Velhos de Barbosa do Paço Solar de Marrancos*. Refutação de erros e falsidades genealógicas contidos no livro «Cartas inéditas de C. Castelo Branco ao 1.^o conde de Azevedo», de que é autor o 2.^o conde de Azevedo. 58 p. — 10\$00.

SCIÊNCIAS E ARTES

ATHIAS (M.) e F. MIRA — *Exercícios de química fisiológica*. Guia para uso dos estudantes de Medicina. 2.^a ed. 142 p. 8.^o — 12\$00.
 COELHO DE ANDRADE (JOSÉ) — *Questões de hygiene social, na escola e na officina*. 400 p. 8.^o — 15\$00.
 FERREIRA DE MIRA (M.) — *Crónicas científicas*, prefaciadas pelo Dr. Brito Camacho. 278 p. 8.^o — 10\$00.
 RODRIGUES S. AFRA (JOÃO) e JOSÉ MANUEL PINTO (SACAVÉM) — *Columbifolia*. Descrição das mais importantes raças de pombos. 192 p. 8.^o e. grav. — 12\$50.
 SEQUEIRA OLIVA JÚNIOR (LUÍS DE) — *A chave da electricidade* (Bil. de Ensino Técnico [sem professor]). 334 p. 8.^o e. grav. — 10\$00.

BELAS ARTES

OLIVEIRA CABRAL — *Virtudes e heroísmos lusitadas*. Música de Estefânia Cabreira. Versos de... Reprodução dum bronze de Teixeira Lopes e de 30 quadros executados por (diferentes) artistas. — 40\$00.
 SAGUER (TEÓFILO) — *A anarquia dos sons* (Estética, música e bom-gosto) 48 p. — 7\$00.
 SANTOS (REINALDO DOS) — *A Tapeçaria de Tânger*. Separata da «Lusitânia». 8 p.

POLIGRAFIA

ALMANAQUE DE ESPOSENDE. — Dirigido por Mário Gonçalves Viana. 49 p.

ALMANAQUE DOS PALCOS E SALAS, para 1928. — Coordenação de Alberto Ghira (João Valentim). 125 p. 8.^o e. grav. — 6\$00.



REVISTAS E OUTRAS PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Traduções de romances e obras afins, continuam a aparecer com abundância nas livrarias. Uma coisa se nota: já não são apenas os autores franceses os mais frequentemente traduzidos. Para cá dos Pireneus há também uma literatura, na hora presente muito fecunda, e disse começa agora entre nós a dar-se fé. Escritores espanhóis, principalmente novelistas, até o momento desconhecidos, ou quasi, do nosso público, estão agora a ser-lhe revelados através de romances, na sua maioria dignos de leitura, sobretudo pela originalidade dos entrecchos. Estão nos casos *Um grito na noite* e *As sete colunas*, livros, aquele de Pedro Mata, o segundo de W. Fernandez Flóres, dois nomes que há muito saíram da obscuridade. Impossível é noticiar em breves palavras o assunto dessas obras, tanto mais que em uma e outra ainda se fazem sentir os temperos antigamente indispensáveis num romance: acção e visão psicológica. Limitamo-nos pois a dizer que interessam, advertindo, porém, o leitor de que há neles, por vezes, scenas descritas com muito realismo. De Pierre de Conlevain, pseudónimo duma apreciada escritora francesa que se tem imposto pelos seus livros cândidos, sairá há pouco nova obra, *A Ilha Desconhecida*, a qual vem a ser a Inglaterra. O europeu do continente, sobretudo o das raças latinas, olha a gente inglesa com muita curiosidade, atribuindo-lhe uma maneira de ser especial, no que, ao certo, não erra. A autora d'este livro dá-nos n'ele um feixe de observações muito argutas sobre o povo inglês, sua psicologia e seus costumes, colhidas in loco e romantizadas, para maior amenidade da leitura.

Está impresso o Catálogo da «Primeira Exposição de Ex-Libris em Portugal», efectuada em Outubro último e de que foi alma o malogrado jornalista e director da Imprensa Nacional Luís Derouet. Aqui se coligem os principais documentos relativos ao importante certame.

Saudades de Coimbra é um fado para piano, composto por Francisco Rêgo Carranca sobre versos de R. Carvalho, Letra e música satisfazem.

As Grandes Reportagens, série de fascículos firmados pelo Repórter X, tratam no seu n.^o 1 do *Julgamento de Marang*. A narrativa atinge por vezes o interesse duma novela.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$30	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados.. .. .	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL... ..		49\$00	96\$00	BRASIL... ..	52\$00	102\$00
Registados.. .. .		53\$80	105\$60	Registados	61\$60	121\$20
ÍNDIA, MACAU E TIMOR		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO... ..	63\$00	124\$00
Registados.. .. .		57\$80	113\$60	Registados	72\$60	143\$00

NUMERO AVULSO 4\$00

VOGUE



Emmocio

**SEMANARIO ILUSTRADO
DA MULHER PORTUGUEZA
EDIÇÃO DA CASA AILLAUD & BERTRAND**

CADA NÚMERO (AVULSO) Esc. 1\$50

Auto-Gazo

a gasolina
que dà maior
rendimento



Mobiloil

CUNHA BARROS

VACUUM OIL COMPANY
